

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER



MÃE

ANTOLOGIA MEDIÚNICA

100

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

MÃE

ANTOLOGIA MEDIÚNICA

Kein Füllhorn, das von allen Schätzen regnet
Ist reicher als die Mutterhand die segnet.

(Não há cornucópia da abundância tão pródiga em tesouros, que seja mais rica do que a mão materna quando abençoa)

ANASTASIUS GRUN, Sprüche und Spruchartiges.

Nicht Fleisch und Blut; das Herz Macht uns zu
Vätern und Söhnen.

(Não é a carne e o sangue, mas o coração, que nos torna pais e filhos.)

FR. VON SCHILLER, Die Räuber, At. I, esc. 1.

MATÃO — Estado de São Paulo
1.^a Edição — 1971



Compilação e coordenação :

WALLACE LEAL V. RODRIGUES

com especial agradecimento a

STIG ROLAND IBSEN

pelo levantamento total da
obra psicográfica de

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

e especial colaboração
prestada à feitura desta obra

O Cravo-branco de Anna Jarvis

“Ela disse, com terrível amargura, que lamentava ter criado o Dia das Mães”.

Quando as pessoas leram essa frase impressa, deixaram o jornal cair-lhes das mãos. Quedaram num silêncio de reprovação ou de perplexidade que, nem por isso, diminuiu o impacto da acusação lançada à face do “way of life” do mundo ocidental. A declaração foi prestada à imprensa americana por um jornalista que, a pretexto de entregar uma encomenda, conseguiu ser o último repórter a entrevistar Anna Jarvis. Foi nas vésperas de um Dia das Mães, maio entrava triunfante, saltando no trampolim da primavera, o céu azul disparando canções de vento e nuvem. Entretanto, no interior da casa cercada de árvores trêmulas, na Rua 12 Norte, em Filadélfia, havia penumbra, um ar de outono estagnado, as horas pingando de um velho relógio, em fonte de desalento.

— Antes não o tivesse feito! Lamento ter criado o Dia das Mães!

Não muito tempo se passou e, exausta, agonizante, Anna Jarvis era levada para o Sanatório da Praça Marshal, na cidade de West Chester, Estado da Pensilvânia.

Morreu ali!

Sua cabeça pendeu sobre o travesseiro, cravo-branco ferido, que murchou e morreu, impotente aos revérberos ferozes de milhares de sóis em dolar-ouro.

* * *

Dezenas de mensagens têm chegado, pelas fontes mediúnicas, dizendo aos espíritas que é preciso dar ao Natal o seu verdadeiro espírito.

Alguém, algum dia, fará isso!

Uma opinião, em processo de cristianização autêntica, vai desdenhar as imensas vitrinas do natal-pagão, cintilante em seus falsos ouropéis, desbragado, gargalhando de escárneo ante ao clamor dos bolsos-vazios. Vai deter o rio de sangue de inocentes animais sacrificados, essa correnteza que tinge de escarlata os personagens todos de um presépio em Belém, cabras e ovelhas com seu calor para um recém-nascido pobre e desnudo, o jumento que serviu à Inefável Mãe para descer das agruras escarpadas de Nazaré.

Quem poderá dizer que, nos recintos domésticos, os espíritas, — que tão de perto têm acesso a tal literatura de protesto! — modificaram êsse Natal de alegrias falsas, garantido por vinhos-coniventes ?!

Quem poderá dizer que eles o tentaram ?

Todavia já detêm a incipiente caracterização do *Natal dos Homens-de-Paz-e-Boa-Vontade*, e saem de suas casas — que importa se apenas por um dia ! — levando o agasalho e o pão onde se levanta, impossível de ser amordaçado, o gemido negado da Fome e do Esquecimento, estranhamente desafinando os hinos distraídos a repetir Glórias e Hosanas.

Assim, pois soluções e soluções esperam ser encontradas !

E, como se não bastasse, eu venho falar aos espíritas em nome de Anna Jarvis. Ela m'o pediu, mil vezes! Em cada página psicografada de Francisco

Cândido Xavier, que eu compilava. No ruído das teclas, na luz que fugia ou na luz que chegava.

Ela diz que **ALGUÉM** precisa restabelecer o espírito abastardado do Dia das Mães. E pergunta: "É uma maldição que os homens tenham de mercadejar com tudo quanto é belo, santo e puro ? Por favor, peça aos espíritas que, conjuntamente ao Natal, retirem o Dia das Mães dos balcões e caixas registradoras. Enfeitem-nos de Bondade e Alegria, contabilizem-nos no coração! Eles podem fazer isto !"

Eu espero que ela use do seu último argumento e então lhe digo: "Minha bem-amada Anna, deixe que eu conte aos meus irmãos a tua história..."

* * *

Certo dia, em 1925, uma mulher alta e enérgica, de aspecto decidido, entrou num hotel de Filadélfia e encaminhou-se na direção de um grupo de senhoras da Associação das Mães de Veteranos de Guerra, reunidas em convenção.

Censurou-as, denunciando-as por venderem o cravo-branco, símbolo do Dia das Mães, por preços extravagantes e extorsivos. Diversas pessoas tentaram interrompê-la, mas a sua invectiva era fria e obstinada. Finalmente foi chamado um policial. A dama foi presa sob a alegação de perturbar a ordem. Assim terminava mais um incidente na atribulada carreira de Anna Jarvis, a criadora do Dia das Mães.

Quando o juíz, constrangido, pôs Anna Jarvis em liberdade, um reporter foi visitá-la em sua casa, à rua 12 Norte, em Filadélfia. A bela mulher de cabelos brancos e 60 anos de idade, estava sentada numa cadeira de espaldar reto e seu olhar estava pôsto no retrato de sua mãe.

O jornalista perguntou-lhe:

— Por que a senhora não desiste ? Está lutan-

do contra o mundo, sòzinha! Deveria orgulhar-se por ser a criadora do Dia das Mães.

— O Dia das Mães foi transformado num comércio sórdido. O senhor leu o que escrevi ao Presidente Coolidge ?

O rapaz acenou afirmativamente. A carta fôra publicada pelos jornais. Em um certo tópico, Anna Jarvis dizia: "Estou tentando, de tôdas as maneiras ao meu alcance, evitar que o Dia das Mães seja aviltado por certa classe de indivíduos e organizações que vêem nêle apenas um meio para ganhar dinheiro."

— Mas, retrucou o repórter, — afinal foi a senhora mesma quem instou durante anos para que o cravo-branco fôsse transformado em símbolo do Dia das Mães. Foi a senhora quem *insistiu* para que todos mandassem mensagens de carinho às mães, por telegrama ou carta.

— O senhor está dizendo que o meu triunfo é, também, o meu fracasso. Está bem! Você tem razão, meu rapaz! Êste é o paradoxo de minha vida.

Mas não era o único paradoxo na vida de Anna Jarvis. Embora fôsse uma mulher extremamente bela, jamais se casara. Nascera em 1864, em Grafton, Virgínia Ocidental, onde crescera, transformando-se numa beldade esbelta e ruiva. Por que uma jovem assim teria permanecido solteira ?

Um amigo da família contou: "Anna teve um caso de amor mal sucedido e isso deixou-a abalada e desiludida. Daí por diante deu as costas a todos os homens".

Ao sair da Faculdade Mary Baldwin, em 1883, dedicara-se ao magistério em Grafton. Não que precisasse do salário. Sua mãe, viúva, gozava de boa situação. Alguns anos mais tarde, Anna, sua mãe e sua irmã mais nova, Elsinore, que era cega, mudaram-se para Filadélfia. Anna empregou-se como as-

sistente no departamento de publicidade de uma companhia de seguros. Assim viveu dos 20 aos 40 anos. Então, em 1905, a sra. Jarvis faleceu. Foi um golpe terrível que, entretanto, marcou o início de nova e vital etapa na vida de Anna.

Contava ela, então, 41 anos, era dona de uma bela casa, tutora da irmã cega e principal beneficiária da herança materna.

Enquanto decorriam os dias longos, o coração clamando pela presença materna, uma visão tomou corpo em seu espírito: a instituição de um dia consagrado às Mães.

Sugeriu a idéia ao Prefeito Reyburn, de Filadélfia. Êsse foi o início da cruzada de Anna Jarvis. O ponto básico era, — ela insistia, — a homenagem não só às mães vivas, mas, também, às mães que já haviam morrido. De sua casa, — feita quartel-general, — ela dirigiu uma das mais estranhas e eficientes campanhas epistolares de que se tem notícia. Escreveu a governadores, congressistas, clérigos, industriais, clubes femininos — a qualquer um que pudesse exercer influência. As respostas a essas cartas foram em número tão considerável, — e demandavam tanta correspondência, — que Anna deixou o emprêgo que tinha, a fim de dedicar-se inteiramente à sua campanha.

Quando verificou que sua casa se tornara pequena para servir de escritório, comprou a casa vizinha. Em breve era convidada a visitar outras cidades para falar perante diversas organizações. Escreveu e imprimiu folhetos sobre seu plano, distribuindo-os gratuitamente. Tôdas essas atividades consumiam boa parte de sua fortuna, mas Anna jamais permitiu que isso a preocupasse.

Corriam os dias em que outras mulheres corajosas e enérgicas, — as célebres *sufraettes*, — lutavam pelo direito de voto. Os objetivos de Anna

Jarvis eram mais sentimentais, menos sujeitos a controvérsias. Como poderia um legislador combater algo tão doce, puro e cheio de beleza como um Dia das Mães? E a Virgínia Ocidental foi o primeiro Estado norte-americano a adotar oficialmente a data festiva.

Anna Jarvis, inspirada por êsses primeiros sucessos, continuou a escrever, a viajar, a fazer conferências. Em 1914 sua eloquência persuadiu o Deputado J. Thomas Heflin, do Alabama, e o Senador Morris Sheppard, do Texas, a apresentarem uma proposta conjunta para que se observasse em toda a nação americana, o Dia das Mães. A proposta foi aprovada pelas duas casas do Congresso.

O verdadeiro grande momento de Anna chegou quando o Presidente Woodrow Wilson assinou uma proclamação na qual recomendava que o segundo domingo de maio (aniversário da morte da mãe de Anna), fôsse observado no país inteiro com o Dia das Mães.

Todavia, para Anna, êsse triunfo não era suficiente. Ainda era preciso conquistar o resto do mundo! Assim, a correspondência, os discursos e os folhetos de exortação continuaram, agora em escala internacional.

E o seu esforço foi notavelmente bem sucedido. Só no decurso de sua vida, 43 países adotaram o Dia das Mães. O Brasil foi um deles. A 5 de maio de 1932, o então chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, promulgou oficialmente, pelo decreto 21.366, o segundo domingo do mês de maio, o Dia das Mães.

Infelizmente o triunfo de Anna Jarvis, em breve se tornava a sua grande frustração. Ela escrevia desesperada por centenas de jornais: "Estão comercializando o meu Dia das Mães! Não era isso que eu

pretendia! Êsse é um dia de sentimento e não de lucro!"

Anna não queria que a festa da mãe pobre fôsse diferente da festa da mãe rica. Um simples cravo-branco, a flor predileta de sua mãe, bastava para exprimir um mundo de afeto!

Ela estava atônita. Inesperadamente viu-se pobre e só. A escada do templo, de onde queria expulsar os vendilhões, tornara-se uma rua-comercial sem horizontes: dezenas de vêzes dava a volta ao mundo. Todo o dinheiro de sua herança se fôra.

Então, fazendo apagar-se para sempre o seu belo sorriso, onde, durante anos tatalara asas a borboleta de ouro de suas esperanças, recolheu-se à sua casa da Rua 12 Norte. Levando pela mão a passiva Elsinore, fechou com firmeza a porta às suas costas. Daí para a frente recusava-se a receber quem quer que fôsse.

Assim deixou-se levar pelas torrentes crepusculares dos anos até a enseada da Praça Marshal, em West Chester.

— Antes não o tivesse feito! Lamento ter criado o Dia das Mães!

* * *

Agora êste livro espírita está pronto. Êle se move no fulcro mesmo dos anseios, angústias, esperanças e reivindicações de Anna Jarvis.

Eu creio que êle encheu o seu coração vazio!

Entre cravos-brancos de preces, louvor, ternura e devoção, aqui se encontra algo que não pode ser comprado nem vendido, que não se expõe em vitrinas e nem se embrulha em papel doirado, com laços coloridos: LUZ ESPIRITUAL.

Eis algo em que Anna Jarvis gostaria de ter pensado.

Todavia, êste não é um livro *côr-de-rosa*. O que

existe nêle de floração, nasce de um solo cuja fertilidade se chama: consciência e consequência. As vozes que nêle vão travar um diálogo, às vêzes contumaz, sempre forte como o cristal, tentam ecos para muito além das distâncias e dos horários.

Elas chamam à Terra: Mãe! Chamam a Miriam, espôsa de José, carpinteiro nazareno: Mãe! Gritam: Mãe! a tôdas as mulheres do mundo. E êsse grito é triunfo, pois mil vozes respondem: Meu filho!

De modo que o desafio de Anna Jarvis está feito.

Em cada página dêste livro, estão os pensamentos que, desesperadamente, ela procurou na casa vazia da Rua 12 Norte.

Por isso, hoje, eu me volto para a presença-ausente de Anna Jarvis e suavemente lhe digo: Êste livro é teu! Toma-o! É a bíblia de tua campanha, o manifesto de teu movimento. Jamais homem algum poderá mercadejar com quanto vai aqui. A tua causa, pois, não está perdida!"

Depois de tantos e tantos anos, ela sorri, — a audaz mulher de Filadélfia, — e, compondo de luar um cravo-branco, atira-m'o. Em sua trajetória de arco-iris, êle atravessa esta página. E, leitora, eis que cai em teu regaço.

Tu foste, és, ou serás mãe. Em ti, — aurora desagrilhada, — estão o Poder, o Reino e a Glória.

Anna Jarvis dá-te o seu cravo-branco, dá-te o seu Dia das Mães. Lê êste livro e fazê dêsse cravo, dêsse Dia, aquilo que te parecer melhor.

Wallace Leal V. Rodrigues.

Araraquara, primavera de 1.971.

Oferta de amor

Mãezinha.

Enquanto o mundo te adorna a presença com lendas sublimes, abrilhantando-te o nome, quis trazer-te a homenagem de meu reconhecimento e de meu carinho, segundo as dimensões de tua bondade, e te rememorei os sacrifícios...

Revi, Mãezinha, as tuas noites longas, junto de mim, quando a febre me atormentava no berço. Anjo transformado em mulher, erguias as mãos para o Céu e o que falavas com Deus me caía no rosto em forma de lágrimas!... Tornei a encontrar-te os braços acolhedores, festejando-me o retôrno à saúde, com a doçura de teus beijos.

E, vida em fora, o pensamento recuou para lembrar-te...

Com a retina da memória, contemplei-te os lábios pacientes, ensinando-me a pronunciar as preces da infância; e, nesses lábios inesquecíveis, fitei os sorrisos de júbilo, quando me deste os primeiros livros da escola.

Depois, acompanhei-te, passo a passo, o calvário de renúncia em que me levantaste para a vida.

Quantas vêzes me abraçaste, trocando bênçãos por aflições, não conseguiria contar... Quantas vê-

zes te ocultaste no sofrimento para que a alegria não me fugisse, realmente, não sei...

Passou o tempo e, hoje, de alma enternecida, anseio debalde surpreender as palavras com que algo te venha a dizer de meu agradecimento; entretanto, eu que desejaria medir o meu preito de afeto pelo tamanho de teu devotamento, posso apenas calcular a extensão de meu débito para contigo, a repetir que te amo e que em ti possuo o meu tesouro do Céu.

Perdoa, Mãezinha, se nada tenho para dedicarte, senão as pérolas do meu pranto de gratidão, iluminadas pelas orações que endereço a Deus por tua felicidade. E, se te posso entregar algo mais, deixa que te oferte o meu próprio coração, neste livro de ternura, por dádiva singela de minha confiança e carinho, num ramalhete de amor.

Meimei

Uberaba, 1 de março de 1.971

Prefácios espirituais

*A mulher deve ser como a palha miúda
com que se encaixotam porcelanas,
palha que não conta,
palha que mal se vê,
palha de que ninguém se apercebe
e sem a qual se quebraria tudo!*

Mme. de Stäel.

Mãe

UM dia, a Mulher solitária e atormentada chegou ao Céu e, rojando-se em lágrimas, diante do Eterno Pai, suplicou:

— Senhor, estou só!

Compadece-te de mim.

Meu companheiro fatigado, cada dia, pede-me repouso e devo velar-lhe o sono! quando triunfa no trabalho, absorve-se na atividade mais intensa e, muita vez distraído, afasta-se do lar, onde volta somente quando exausto, a fim de refazer-se. Se sofre, vem a mim, abatido, buscando restauração e conforto...

Tu, que deste flôres ao arvoredor e que abriste as carícias da fonte, no seio escuro e ressequido do solo, consagras-me, assim, ao isolamento? Reservas-te a Terra inteira ao serviço do homem que se agita, livre e dominador sobre montes e vales, e concedes a mim apenas o estreito recinto da casa, entre quatro paredes, para meditar e afligir-me sem consolo? Se sou a companhia do homem, que se vale de mim para lutar e viver, quem me acompanhará na missão a que me destinas?

O Senhor sorriu, complacente, em seu trono de estrêlas fulgurantes e, afagando-lhe a cabeça curvada e trêmula, falou compadecido:

— Dei o mundo ao homem, mas confiarei a vida ao teu coração.

Em seguida, colocou-lhe nos braços uma frágil criança.

Desde então, a Mulher fêz-se Mãe e passou a viver plenamente feliz.

Meimei

Perto de Deus

ENTRE a alma, prestes a reencarnar na Terra, e o Mensageiro Divino travou-se expressivo diálogo:

— Anjo bom — disse ela —, já fiz numerosas romagens no mundo. Cansei-me de prazeres envenenados e posses inúteis... Se posso pedir algo, desejaria agora colocar-me em serviço, perto de Deus, embora deva achar-me entre os homens...

— Sabes efetivamente a que aspiras? que responsabilidade procuras? — replicou o interpelado. — Quando falham aqueles que servem à vida, perto de Deus, a obra da vida, em tórno dêles, é perturbada nos mais íntimos mecanismos.

— Por misericórdia, anjo amigo! Dar-me-ás instruções...

— Conseguirás aceitá-las?

— Assim espero, com o amparo do Senhor.

— O Céu, então, conceder-te-á o que solicitas.

— Posso informar-me quanto ao trabalho que me aguarda?

— Porque estarás mais perto de Deus, conquanto entre os homens, recolherás dos homens o tratamento que êles habitualmente dão a Deus...

— Como assim?

— Amarás com tôdas as fibras de teu espírito,

mas ninguém conhecerá, nem te avaliará as reservas de ternura!... Viverás abençoando e servindo, qual se carregasses no próprio peito a suprema felicidade e o desespero supremo. Nunca te fartarás de dar e os que te cercarem jamais se fartarão de exigir...

— Que mais?

— Dar-te-ão no mundo um nome bendito, como se faz com o Pai Celestial; contudo, qual se faz igualmente até hoje na Terra com o Todo-Misericordioso, reclamar-se-á tudo de ti, sem que se te dê coisa alguma. Embora detendo o direito de fulgir à luz do primeiro lugar nas assembléias humanas, estarás na sombra do último... Nutrirás as criaturas queridas com a essência do próprio sangue; no entanto, serás apartada geralmente de tôdas elas, como se o mundo esmerasse em te apunhalar o coração. Muitas vezes, serás obrigada a sorrir, engulindo as próprias lágrimas, e conhecerás a verdade com a obrigação de respeitar a mentira... Conquanto venhas a residir no regozijo oculto da vizinhança de Deus, respirarás no fogo invisível do sofrimento!...

— Que mais?

— Adornarás as outras criaturas para que brilhem nos salões da beleza ou nos torneios da inteligência; entretanto, raras te guardarão na memória, quando erguidas ao fausto do poder ou ao delírio da fama! Produzirás o encanto da paz; todavia, quando os homens se inclinam à guerra, serás impotente para afastar-lhes o impulso homicida... — Por isso mesmo, debalde chorarás quando se decidirem ao extermínio uns dos outros, de vez que te acharás perto do Todo-Sábio e, por enquanto, o Todo-Sábio é o grande Anônimo, entre os povos da Terra.

— Que mais?

— Tôdas as profissões no Planeta são honorifi-

cadadas com salários correspondentes às tarefas executadas, mas o teu ofício, porque estejas em mais íntima associação com o Eterno e para que não comprometas a Obra da Divina Providência, não terá compensações amoedadas. Outros seareiros da Vinha Terrestre serão beneficiados com a determinação de horários especiais; contudo, já que o Supremo Pai serve dia e noite, não disporás de ocasiões para descanso certo, porquanto o amor te colocará em permanente vigília!... Não medirás sacrifícios para auxiliar, com absoluto esquecimento de ti; no entanto, verás teu carinho e abnegação apelidados, quase sempre, por fanatismo e loucura... Zelarás pelos outros, mas os outros muito dificilmente se lembrarão de zelar por ti... Farás o pão dos entes amados... Na maioria das circunstâncias, porém serás a última pessoa a servir-se dos restos da mesa e, quando o repouso felicite aqueles que te consumirem as horas, velarás, noite a dentro, sòzinha e esquecida, entre a prece e a aflição... Espiritualmente, viverás mais perto de Deus, e, em razão disso, terás por dever agir com o ilimitado amor com que Deus ama...

— Anjo bom — disse a Alma, em pranto de emoção e esperança —, que missão será essa?

O Emissário Divino endereçou-lhe profundo olhar e respondeu num gesto de bênção:

— Serás mãe!...

Irmão X

Em louvor à Mãe

*Minha mãe — não te defino,
Por mais rebusque o abc...
Escrava pelo destino,
Rainha que ninguém vê.*

Meimei

Trovas de Mãe

DIA das Mães!... Alegrias
Das mais puras, das mais belas!..
Mais é preciso saber
O dia que não é delas.

O nosso berço no mundo,
Sem que ninguém o defina,
É um segredo entre a mulher
E a Providência Divina

Mãe possui onde apareça
Dois títulos a contento:
Escrava do sacrifício,
Rainha do sofrimento.

Mulher quando se faz mãe,
Seja ela de onde fôr,
Por fora, é sempre mulher,
Por dentro, é um anjo de amor.

Maternidade na vida,
Que o saiba quem não souber,
É uma luz que Deus acende
No coração da mulher.

Coração de mãe parece,
No lar em que se aprimora,
Padecimento que ri,
Felicidade que chora.

Pela escritura que trago,
Na história dos sonhos meus,
Mãe é uma estrêla formada
De uma esperança de Deus.

Quantas mães lembram roseira
Quantos filhos rosas são!...
Quanta rosa junto à festa!
Quanta roseira no chão!...

Delfina Benigna da Cunha

Rainha do Lar

DOCE Rainha do Lar, quem te relacionará os sacrifícios? que concha sublime te guardará na Terra, as pérolas do coração, vertidas em forma de lágrimas, para definir-te o salário no Céu?

Todos te devem carinho, raros te conhecem no esplendor de tua renúncia.

Embora desconhecidas, porém, as tuas mãos de luz alimentam a vida...

Teces a renda do berço e guardas a nossa existência no ninho acolhedor de teus braços, orvalhando-nos de ternura para que venhamos a crescer no entendimento. Isolada no pequenino reino doméstico, sustentaste-nos os passos primeiros, ensinando-nos a pronunciar o nome de Deus.

Quando todos se fatigavam, à frente de nossos caprichos, era teu coração nosso invariável refúgio.

Desapegaste a ti mesma de todos os adornos, para que nos enfeitássemos de ilusão, quanta vez esquecendo-te à distância de nossos triunfos!

Nem por isso te revoltaste, Anjo Amigo!

Bastava que a dor nos anuviasse os olhos para que as tuas mãos desfalecessem de amor, acariciando-nos a face tristonha e arrebatando-nos, de novo, à música do sorriso.

Muitos se ergueram aos clarins da fama, rele-

gando-te à obscuridade e outros muitos atingiram as culminâncias do ouro e do poder, olvidando-te no infortúnio... Entretanto, Mãezinha, teus lábios sorriam felizes, abençoando-lhes a vitória!...

Vives na base de todos os monumentos do mundo, no entanto, quão poucos se lembram de ti, crucificada no sofrimento para que a alegria e o progresso assinalem o esforço das criaturas distraídas da Terra!

Enxuga, porém, o teu pranto oculto e não permitas que a flagelação e a saudade, a mágoa e o desencanto te sufoquem a alma. Ainda mesmo apunhalada de angústia, crê e espera, ama e ajuda sempre! Do teu trono de humildade e aflição, alça teu pensamento ao Caminho Estrelado, porque na Glória do Céu a tua dolorosa vigília é abençoada pela Divina Soberana, cujo filho é o nosso Excelso Rei coroado de espinhos.

Meimei

Trovas de Mulher

MÃE — uma sílaba só,
Com sentido tão profundo!...
Deus ajuntou em três lêtras
Tôda a riqueza do mundo

Não chores, mãe desprezada,
Na aflição da noite fria!
Deus te reserva outra estrada
E a bênção de nôvo dia.

Dizes: “mulher em desdouro”...
Mas se é mãe que vela e afaga,
Deus já fêz dela um tesouro
Que o mundo inteiro não paga

O mal gritaria em vão
Se cada mulher sem lar
Tivesse no coração
Um filho para beijar.

Fé viva na alma que chora:
Lua cheia em noite fria.
Agasalho da esperança:
Pão nosso de cada dia.

Luiza Amélia

Cantigas para a Mulher

MÃE e espôsa, filha e irmã,
Sentinelas benfazejas!...
Mulher fiandeira da vida,
Bendita, bendita sejas!...

Alegria da mulher,
Seja qual seja, onde fôr,
Aflição oculta em riso,
Ventura feita de dor.

Mulher cativa da sombra,
Que o mundo fere a capricho,
Tesouro que ninguém vê,
Abandonado no lixo.

Mulher caída na estrada!...
Não grites condenação.
A chuva desce do céu
E faz-se vida no chão.

Tudo o que é belo no mundo
Deus garante, enquanto houver
Alma que aceite os espinhos
Do ofício de ser mulher

Manoel Ricardo Júnior

Mater

E I-LA... — senhora e serva entre humana e divina,
Por mais a dor, por dentro, a espanque ou despedace,
Carreia a paz no gesto e o sorriso da face,
Fala e desvenda o rumo, abençoa e ilumina.

Anjo renovador, tem no lar a oficina,
Onde o serviço exclui todo prazer mendace,
Ao seu toque de luz, a esperança renasce,
Suporta, recompõe, trabalha, sofre, ensina.

Mãe, um dia, quis Deus mostrar-se à vida humana,
Fêz-te santa e mulher, escrava e soberana,
Vinculada nos Céus, de homenagens prescindes!...

Deus se revela em ti, no amor alto e perfeito,
Por isso, trazes, Mãe, nos recessos do peito,
A ternura sem par e a bondade sem lides.

Carlos Bittencourt

Meu tesouro



GRADEÇO, Senhor, o mundo em verde e flor
que nos fizeste...
— A Terra, o lar de luz que se equilibra em
pleno Lar Celeste!...

Agradeço a esperança que me acalenta o ser,
a bênção de servir, o dom de compreender.

Agradeço a amizade em que meu coração se renova e
se ufana,

tôda vez que se alegra ou se refaz, no entendimento
da ternura humana.

Agradeço a lição do sofrimento, no cadinho da prova
em que me exaltas,

entregando-me a dor por auxílio divino e apagando
em silêncio as minhas próprias faltas!...

Agradeço a instrução e o carinho da escola,
o socorro do bem e a palavra tranqüila que me aju-
da ou consola!...

Agradeço a alvorada, o sol que me sustenta e acari-
cia,
a noite que me acalma o pensamento, o pão de cada
dia.

Entretanto, meu Deus, mais do que tudo, agradeço-te
a prece enternecida,
o regaço materno que me trouxe para a glória da vi-
da!...

Em tudo, em todo tempo e em tôda parte, sê bendito,
Senhor,
pela santa Mãezinha que me deste, meu tesouro de
amor!

Maria Dolores.

Em louvor das Mães

O lar é a célula ativa do organismo social e a mulher, dentro dêle, é a força essencial que rege a própria vida.

Se a criança é o futuro, no coração das mães repousa a sementeira de todos os bens e de todos os males do porvir.

O homem é o pensamento.

A mulher é o ideal.

O homem é a oficina.

A mulher é o santuário.

O homem realiza.

A mulher inspira.

Compreender a gloriosa missão da alma feminina, no soerguimento da Terra, é apostolado fundamental do Cristianismo renascente em nossa Doutrina Consoladora.

Auxiliar, assim, o espírito materno, no desempenho de sua tarefa sublime, constitui obrigação primária de todos nós que abraçamos nos Centros Espíritos novos lares de idealismo superior e que buscamos na Boa Nova do Divino Mestre a orientação maternal para a renovação de nossos destinos.

Nesse sentido, se nos cabe reconhecer no homem o condutor da civilização e o mordomo dos patrimônios materiais na gleba planetária, não pode-

mos esquecer que na mulher devemos identificar o anjo da esperança, ternura e amor, a descer para ajudar, erguer e salvar nos despenhadeiros da sombra, oferecendo-nos, no campo abençoado da luta regenerativa, novos tabernáculos de serviço e purificação.

Glorifiquemos, dêsse modo, o ministério santificante da maternidade na Terra, recordando que o Todo-Misericordioso, quando se dignou enviar ao mundo o seu mais sublime legado para o aperfeiçoamento e a elevação dos homens, chamou um coração de mulher, em Maria Santíssima, e, através das suas mãos devotadas à humildade e ao bem, à renúncia e ao sacrifício, materializou para nós o coração divino de Nosso Senhor Jesus Cristo, a luz de todos os séculos e o alvo de redenção da Humanidade inteira.

Emmanuel

Soneto V

DOCE Mãe, Sereníssima Senhora,
Dos teus olhos velados de doçura
Nasce fresca a alvorada, que fulgura
Na infortunada sombra de quem chora!

Quando meu ser vagava em noite escura,
Nas angústias do abismo que apavora,
Estendeste-me os braços, vendo, embora,
Minhas chagas de treva e de loucura...

Ante o Regaço Fúlgido consente
Que minha fé se exalte, embevecida,
Prosternada, ditosa, reverente.

Recebe no dossel de Graça e Vida
O louvor de teu filho penitente,
No clarão de minh' alma convertida.

Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

No apostolado feminino

O apostolado das Mães é o serviço silencioso com o Céu, em que apenas a Sabedoria Divina pode ajuizar com exatidão.

Ser mãe é ser anjo na carne, heroína desconhecida, oculta à multidão, mas identificada pelas mãos de Deus.

Ele conhece o holocausto das mães sofredoras e desoladas e sustenta-lhes o ânimo através de processos maravilhosos de sua sabedoria infinita, assim como alimenta a seiva recôndita das árvores benfeitoras.

Um instituto doméstico, em muitos casos, é caderinho purificador.

Aí dentro, as opiniões fervilham na contenda inútil das palavras, sem edificações úteis; velhos ódios surgem à tona das discussões e sentimentos, que deveriam permanecer esquecidos para sempre, aparecem à superfície das situações, embora muitas vezes imanifestos nos entendimentos verbais.

O que nos interessa, porém, é a nossa redenção.

O sacrifício é a nossa abençoada oportunidade de iluminação.

Sabemos, no entanto, que para o carinho maternal, o combate é intraduzível.

Na batalha sem sangue no coração.

No espinheiro ignorado.

Na dor que os olhos não visitam.

O devotamento feminino será sempre o manancial do conforto e da bênção.

”

Quando se interrompe o curso dessa fonte divina, ainda mesmo temporariamente, a vida do lar sofre ameaças cruéis.

As experiências no sexo masculino conferem à alma um senso maior de liberdade ante os patrimônios da vida, e o homem sente maior dificuldade para apreciar as questões do sentimento como convém.

Para os que se confundem na enganosa claridade dos dias terrenos, a existência carnal é somente recurso a incentivar paixões e alegrias mentirosas, todavia, para quantos fixem o problema da eternidade, com a crença renovadora no altar do espírito, a romagem planetária é divino aprendizado para a redenção. O lar terreno é a antecâmara do Lar Divino, quando lhe aproveitamos as bênçãos do trabalho santificante, porque, na realidade, se o martelo e o buril são os elementos que aprimoram a pedra, a dor e o serviço são as forças que nos aperfeiçoam a alma.

Trabalhar e sofrer são talvez os maiores bens que nossa alma pode recolher nos pedregulhos da Terra.

Tôda dor é renascimento, tôda renúncia é elevação e tôda morte é ressurreição na verdade.

O Tesouro Divino não se empobrece e, para Deus, os filhos mais ricos são aqueles que canalizam os recursos do serviço a bem de todos, sem cristalizarem a fortuna amodada nos cofres de ferro, que, às vezes, cedo se convertem nos fantasmas de angústia, além do sepulcro.

Aqui, entendemos, com clareza mais ampla, o caminho da eternidade.

Mais vale semear rosas entre espinhos para a colheita do futuro, que nos inebriarmos no presente,

com as rosas efêmeras dos enganos terrestres, preparando a seara de espinhos na direção do porvir.

Não percamos o dia para que o tempo não nos desconheça.

A dificuldade é nossa bênção.

Amemos, trabalhando nas sombras de hoje, a fim de que possamos penetrar em companhia do Amor, na divina luz do Amanhã.

Agar

A Mãe em prece

*Certos pensamentos são como
orações.
Em dados momentos, qualquer
que seja a postura do corpo,
a alma está de joelhos.*

Victor Hugo

Oração de Mãe

DEUS de Infinita Bondade!
Puseste astros no céu e colocaste flôres na haste agressiva... A mim deste os filhos e, com os filhos, me deste o amor diferente, que me rasga as entranhas, como se eu fôsse roseira espinhosa, que mandasses carregar uma estrêla...

Aceitaste minha fragilidade a teu serviço, determinando que eu sustente com a maternidade o mandato da vida; entretanto, não me deixes transportar, sôzinha, um tesouro assim tão grande! Dá-me forças para que te compreenda os desígnios; guia-me o entendimento para que a minha dedicação não se faça egoísmo; guarda-me em teus braços eternos, para que o meu sentimento não se transforme em cegueira.

Ensina-me a abraçar os filhos das outras mães com o carinho que me insuflas no trato daqueles de que enriqueceste minha alma!

Faze-me reconhecer que os rebentos de minha ternura são depósitos de tua bondade, consciências livres que devo encaminhar para a tua vontade e não para os teus caprichos. Inspira-me humildade para que não se tresmalhem no orgulho por minha causa. Concede-me a honra do trabalho constante, a fim de que eu não venha precipitá-los na indolência. Auxilia-me a querê-los sem paixão e a servi-los sem apêgo.

Esclarece-me para que eu ame a todos êles com devotamento igual.

No entanto, Senhor, permite-me inclinar o coração, em teu nome, por sentinela de tua bênção, junto daqueles que se mostrarem menos felizes!... Que eu me veja contente e grata se me puderem oferecer mínima parcela de ventura e que me sinta igualmente reconhecida se, para afagá-los, fôr impelida a seguir nos caminhos do tempo, sôbre longos calvários de aflição!...

E, no dia em que me caiba entregá-los aos compromissos que lhes reservaste, ou a restituí-los às tuas mãos, dá que, ainda mesmo por entre lágrimas, possa eu dizer-te, em oração, com a obediência da excelsa Mãe de Jesus:

“Senhor, eis aqui tua serva! Cumpra-se em mim, segundo a tua palavra...”

Meimei

Prece á Mãe Santíssima

MÃE Santíssima!...

Enquanto as mães do mundo são reverenciadas, deixa te recordemos a pureza incomparável e o exemplo sublime...

Soberana, que recebeste na palha singela o Redentor da Humanidade, sem te rebelares contra as mães felizes, que afagavam Espíritos criminosos em palácios de ouro, ensina-nos a entesourar as bênçãos da humildade.

Lâmpada de ternura, que apagaste o próprio brilho para que a luz do Cristo fulgurasse entre os homens, ajuda-nos a buscar, na construção do bem para os outros, o apôio de nossa própria felicidade.

Benfeitora, que te desvelaste incessantemente, pelo Mensageiro da Eterna Sabedoria, sofrendo-lhe as dores e compartilhando-lhe as dificuldades, sem qualquer pretensão de furtá-lo aos propósitos de Deus, auxilia-nos a extirpar do sentimento as raízes do egoísmo e da crueldade com que tantas vêzes tentamos reter na inconformação e no desespero os corações que mais amamos.

Senhora, que viste na cruz da morte o Filho Divino, acompanhando-lhe a agonia com as lágrimas silenciosas de tua dor, sem qualquer sinal de recla-

mação contra as criaturas da Terra, conduze-nos para a fé que redime e para a renúncia que eleva.

Missionária, salva-nos do êrro.

Anjo, estende sôbre nós as níveas asas!...

Estrêla, clareia-nos a estrada com teu lume...

Mãe querida, agasalha-nos a existência em teu manto constelado de amor!...

E que tôdas nós, mulheres desencarnadas e encarnadas em serviço na Terra, possamos repetir, diante de Deus, cada dia, a tua oração de suprema fidelidade:

— “Senhor, eis aqui tua serva, cumpra-se em mim segundo a tua palavra”.

Anália Franco

Oração das Mães

SENHOR:

Abriste-me o próprio seio e confiaste-me os filhos do teu amor.

Não me deixes sòzinha na estrada a percorrer.

Nas horas de alegria, dá-me a temperança.

Nos dias de sofrimento, sê minha fôrça.

Ajuda-me a governar o coração para que meu sentimento não mutile as asas dos anjos tenros que me deste; adoça-me o raciocínio para que a minha devoção afetiva não se converta em severidade arrasadora.

Defende-me contra o egoísmo para que a minha ternura não se transforme em prisão daqueles que asilaste em meus braços.

Ensina-me a corrigir com amor, para que eu não possa trair o mandato de abnegação que depuseste em meu espírito.

Nos minutos difíceis, inclina-me à renúncia com que devo iluminar o trilho daqueles que me cercam.

Senhor, auxilia-me a tudo dar sem nada receber.

Mostra-me os horizontes eternos de Tua Graça, para que os desejos da carne não me encarcerem nas sombras.

Pai, sou também tua filha!

Guia-me nos caminhos escuros, a fim de que eu

saiba conduzir ao Infinito Bem os promissores re-
bentos de Tua Glória.

Senhor, não me desampares!

Quando a Tua Sabedoria exigir o depósito de
bênçãos com que me adornaste a estrada por emprés-
tino sublime, dá-me o necessário desapêgo para que
eu te restitua as jóias vivas de meu coração com se-
renidade e alegria; e quando a vida me impuser, em
Teu Nome, o desprendimento e a solidão, reaquece
minh' alma ao calor de Teu Carinho Celeste para que
eu venere a Tua Vontade para sempre.

Assim seja.

Meimeí

Súplica á Mãe Santíssima



NJO dos bons e Mãe dos pecadores,
Enquanto ruge o mal, Senhora, enquanto
Reina a sombra da angústia, abre o teu manto,
Que agasalha e consola as nossas dores.

Nos caminhos do mundo, há treva e pranto.
No infortúnio dos homens sofredores,
Volve à Terra ferida de amargores
O teu olhar imaculado e santo!

Ó Rainha dos Anjos, meiga e pura,
Estende tuas mãos à desventura
E ajuda-nos, ainda, Mãe piedosa!

Conduze-nos às bênçãos do teu pôrto
E salva o mundo em guerra e desconforto,
Clareando-lhe a noite tormentosa...

Bittencourt Sampaio

Confidências maternas

*Ama, filhinha, entretanto
Sofre a dor que o lar te der.
É tôda feita de Pranto
A glória de ser mulher.*

Vida.

Poema de Mãe

MEU filhinho :
O santuário de minha alma acendeu tôdas as lâmpadas de que dispunha e adornou-se com tôdas as flôres do jardim de minhas longas esperanças para receber-te.

Cada frase tua possui uma vibração diferente e sublime para o meu organismo espiritual e, por isto, utilizo-me hoje da vida, adaptando-me ao teu país interior, guardando a alegria e a obediência da Terra, que se move ao redor do Sol para melhor reter-lhe os divinos raios.

Antes que pousasses em meu colo, os dias eram para mim a expectativa torturante e secular em sombria fumaça; entretanto, quando me beijaste pela primeira vez, tudo o que era obscuro e monstruoso banhava-se de inesperada luz.

Fontes ocultas se desataram cantando, e calhaus que feriam mostraram gemas celestiais...

O pesado orvalho das lágrimas converteu-se em chuva de bênçãos, precipitando-se na terra sequiosa e fecundando divinas sementes de amor e eternidade...

Prelibei, desde então, a glória da vida, nos deliciosos segredos que a envolvem.

Celebrei-te a vinda como acontecimento máximo de minha passagem no mundo.

Renovaste-me o calendário íntimo e consolidaste novas forças no governo do meu destino, ensinando-me a louvar o Poder Celeste portador do teu coração de luz às minhas células mais recônditas que, à maneira de um grande povo, reverenciam em ti o enviado de redenção e paz, concórdia e alegria.

Rei de minha alma vieste aos meus braços com a destinação de uma estrêla para o meu caminho e orgulho-me de sentir-te os raios renovadores.

Minha serenidade vem da tua harmonia.

Só aspiro a uma glória: a de permanecer contigo no reino da perfeita compreensão.

Só desejo uma felicidade; a de contemplar a alegria calma e bela em teus olhos misteriosos.

Teu coração é o tenro arbusto que se converterá em tronco abençoado com a ajuda de minha alma, que, manancial de carinho, te afagará as raízes...

Em breve, serás a árvore robusta e magnânima, enquanto continuarei sendo a fonte inalterável aos teus pés, rejubilando-me com a graça de ver-te espalhando flôres e frutos, perfume e reconforto aos viajantes da estrada...

Filho de minha ternura, de onde vens? de onde viemos?

Cale-se o cérebro que, muitas vêzes, não passa dum filósofo negativo, e fale, entre nós o coração, que é sempre o divino profeta da imortalidade.

Vens para mim da Coroa Resplandecente da Vida e venho, por minha vez, ao teu encontro, emergindo do Amor que nunca morre...

Abro-te as portas do mundo e elevas-me ao santuário da fraternidade, porque, ao influxo de tua claridade indefinível em meu ser, a minha existência se dilata, cresce e se renova, fazendo meus os filhos alheios e desfazendo-se em amor e renúncia no Templo da Humanidade inteira.

Anália Franco

Sementeira

MAMÃE, — pergunta a pequena,
Contemplando a sementeira, —
Por que razão há marmelos
Ao lado da pimenteira?"

"É verdade, Manoelita, —
Responde a mãe carinhosa,
— A natureza é cartilha
Da lição silenciosa.

A origem de cada cousa
Pertence à Sabedoria
D'Aquêlê que fêz o Sol
A Noite, o Luar, o Dia.

Mas notemos no canteiro
A sugestão que êle encerra —
Duas plantas diferentes,
Nascidas da mesma terra.

A pimenta, muitas vêzes,
Fere a bôca descuidada;
Ao passo que agrada sempre
O gôsto da marmelada.

E, enquanto a menina ouvia,
Refletindo, atenciosa,
A palavra maternal
Concluía, generosa: —

— “Nossa existência no mundo,
Em todos os seus minutos,
É como o solo amoroso
Sempre disposto a dar frutos.

Paz, fortaleza, alegria,
Desencantos e aflição
Dependem da sementeira
Na terra do coração.

João de Deus

Mensagem maternal



QUANDO a noite abre o manto, minha filha,
Na fluidez de veludo que há no vento,
Venho sempre afagar-te o pensamento,
Ao luar da saudade que rebrilha...

— “Não chores, minha doce maravilha!” —
Repito, enquanto, em preces, acalento
Teu peito oprimido pelo sofrimento,
Ante o céu constelado de escumilha!...

— “Minha princesa” — exclamo — “filha amada,
Não te firam as pedras que há na estrada,
Guarda a tua bondade peregrina!...”

E, ouvindo a minha voz, amas e esperas
As suaves e santas primaveras
Do Lar Eterno, na União Divina.

Vida

(Soneto dedicado à Sra. Lady Santos
pelo Espírito de sua Mãezinha.)

Meu filho

FILHO: o lar é o berço do teu destino!...
Templo aberto ao teu coração, aí tens o pôrto a que o Senhor te conduziu no extenso e furioso mar da vida terrestre.

Aprende a respirar dentro dêle, com o respeito e a bondade que a vida nos merece.

Haverá, porventura, lição mais comovente que o esforço de teu pai, por manter-te robusto, e poderemos, acaso, encontrar mais sublime testemunho de sacrifício e ternura que o carinho de tua mãe, esquecida de si mesma, em favor de tua alegria?

Quando a chuva, lá fora, enlameia a estrada e quando a ventania passa zunindo, na altura, já pensaste na bênção do teto que te agasalha? À mesa, quando a sopa fumegante convida tua fome ao repasto, já refletiste na sublimidade do santuário que te abriga? Quando, cansado, te acolhes ao leito, já meditaste na doce e misteriosa mão de Deus que te sustenta o sono?

Aprende a honrar tua casa, no culto da gentileza, enriquecendo-a com o teu serviço constante no bem e santificando-a com o teu amor.

O lar é o primeiro degrau com que o Todo Poderoso nos induz a escalar o Céu.

Tua casa é o teu celeste jardim no mundo. Cultiva aí, nesse abençoado recanto de paz e trabalho, as flôres do bem que nunca fenecem.

Ajuda-o na preservação da tranquilidade e do bem-estar porque, um dia, de frente preocupada, como agora acontece a teu pai e à tua mãe, crescido e pensativo, terás um lar diferente, onde estarás como senhor, e inclinado sôbre algum rosto alegre e saltitante, como o teu, igualmente dirás:

— “Meu filho! Meu filho!...”

Meimei

Conselho materno

 UVE, filhinho,
Pelo caminho
Encontrarás

Muita criança
Sem esperança
Sem luz, sem paz...

Aves pequenas
Guardam apenas
O pranto e a dor,
Rolando ao vento
Do sofrimento
Esmagador.

Passam a sós,
Erguendo a voz,
Pedindo pão...
Passam em bando,
Dilacerando
O coração.

Ante a tristeza
Dessa aspereza,
Dêsse amargor,
Filhinho amigo,
Dá-lhes abrigo,
Dá-lhes amor...

És irmãozinho
Do pobrezinho
Que aflito vai...
Nos mesmos trilhos
Nós somos filhos
Do mesmo Pai.

João de Deus

Missiva

NÃO te prendas à sombra, minha filha...
Guarda o teu sonho luminoso e puro.
E avança para as bênçãos do futuro,
Agradecendo a mágoa que te humilha.

A dor é a nossa rútila cartilha
E embora o passo trôpego e inseguro,
Sobe do vale desditoso e escuro
Para o monte onde a luz se estende e brilha.

Sobe, vencendo a treva dos caminhos,
Entre pedras e acúleos escarninhos
Que te marcam a senda de ascensão...

E um dia, além da cruz, ao fim da prova,
Encontrarás cantando a vida nova
Na glória eterna da ressurreição.

Vallado Rosas

Os óculos

DESCUIDADA, a pequenita,
Face rósea de romã,
Revirava, buliçosa,
Os óculos da mamã.

Vidro aos olhos, contemplando
A região colorida,
Demonstrando-se assustada,
Exclama, surpreendida: —

“Oh! mamãe, tudo está negro!
Que enorme transformação!...
Parece que toda a casa
Está pintada a carvão”.

Muita aflita, retirando
O vidro de côr escura,
A pequenina observa
Mais tranqüila, mais segura: —

— “Agora, sim... Tudo claro,
O armário, a mesa, o jarrão...
Que alívio, mamãe querida,
Ver as cousas tais quais são!” —

— “Vês, filha ? — diz-lhe a mãezinha,
Que buscava meditar, —
Na vida, tudo depende
Do modo de analisar.

Quem aplique aos próprios olhos
O vidro do pessimismo,
Envolve-se em densas trevas,
Projetando-se no abismo.”

João de Deus

Conversa maternal

ILHO: alvorece... Apega-te à charrua
E semeia teu mundo juvenil
De bondade e beleza, em graças mil,
Enquanto a vida em ti se alarga e estua.

Guarda a firmeza de quem não recua.
Ante os percalços do terreno hostil,
Quando o arado trabalha, ao céu de anil,
O serviço do Mestre continua...

Louva, cantando, a nova madrugada
Em que aparece a luta renovada,
Compelindo-te à luz do mais além.

Semeia, com Jesus, na manhã clara..
E encontrarás a glória da seara
No campo eterno do infinito bem.

João de Deus

A cruz

MINHA mãezinha, — interroga
A pequena, olhos em luz, —
Por que razão nosso Mestre
Preferiu morrer na cruz ?

Não era Ele o Enviado
Do poder do Criador ?
Não passou por êste mundo,
Acendendo a luz do amor ?”

A velha mãe meditou
E respondeu, em seguida: —
— “Filhinha, todo o Evangelho
É grande lição da vida”.

O Hôrto de Solidão,
O Cálvario do Tormento
São convites do Senhor
À luz do desprendimento.

E a Cruz é a realidade
Sem qualquer flor de ilusão,
Sem a qual não chegaremos
À paz da Ressurreição”.

João de Deus

Angústia Materna

ALua branca, suave e triste,
— A Mãe pedia, fitando o céu —
Dize-me, Lua, se acaso viste
Nos firmamentos o filho meu.

A morte ingrata, fria e impiedosa,
Deixou vazio meu doce lar,
Deixou minha alma triste e chorosa,
Roubou-me o sonho — deu-me o penar.

Se tu soubesses, Lua serena,
Como era grácil, que encantador
Meu anjo belo como a açucena,
Cheio de vida, cheio de amor!...”

Disse-lhe a Lua — “Eu sei do encanto,
Dum filho amado que a gente tem;
E das ausências conheço o pranto,
Oh! se conheço, conheço-o bem!...”

— “Então, responde-me sem demora,
Continuava, sempre a chorar:
Em qual estrêla cheia de aurora
Foi o meu anjo se agasalhar ?...”

João de Deus

Confidências filiais

*Mãezinha, não sei ao certo
Onde a ausência dói mais fundo,
Se na paz do firmamento,
Se na dor que envolve o mundo .*

Rubens de Sá

Oração no lar

MAEZINHA querida.

Sei que hoje serás reverenciada, com tôdas as Mães, em palácios festivos. Tribunas luminosas serão erguidas para elogios públicos. Entretanto, ansiava reencontrar-te, no templo do lar, que sustentaste com sacrifícios mudos.

Ouvi cânticos de profunda beleza, em louvor de teu nome, e atravessei larga fila de cartazes que te recordam na rua, mas venho rogar-te a canção de simplicidade e doçura com que me embalaste o berço.

Árvore generosa, que me abrigaste o ninho de esperança, ensina-me como pudeste resistir às tempestades que te sacudiram os ramos! Estrêla, que me clareaste os passos primeiros, entre as sombras do mundo, conta-me o que fizeste para brilhar sem fadiga, na longa noite do sofrimento!...

Escutei muitos mestres e folheei muitos livros, no entanto, nenhum deles me falou tão intensamente de Deus quanto a linguagem silenciosa dos teus beijos de ternura e as letras divinas, a transparecerem, inexplicadas, dos calos de trabalho que te marcam as mãos.

Associando-me às homenagens com que te honram lá fora, procuro inútilmente exprimir o amor

que me inspiras e busco, em vão, externar reconhecimento e alegria, porque as palavras me desfalecem na bôca... Quero proclamar que és a rainha de nossa casa e tento envolver-te a cabeça cansada com as flôres de meu carinho, contudo, vejo-te a coroa de lágrimas em forma de fios brancos e nada mais consigo dizer senão que sinto remorso, pensando nas dores e nas aflições que te dei.

Sim, Mãezinha! Há banquetes de regosijo que te esperam a melodia da bênção, mas desculpa se te rogo para ficares comigo no enternecimento do coração. Traze o pão pobre e alvo que me davas na infância, guarda-me no teu colo e repete, de novo, para que eu possa aprender:

"Pai nosso, que estás no Céu..."

Meimei

Poema de gratidão

 EMBRA-ME, Mãe querida, a glória que me deste,
A alegria do lar no lençol de cravinas,
A mesa, o livro, o pão e as canções cristalinas,
As preces de ninar, no humilde berço agreste.

Ao perder-te, no mundo, o carinho celeste,
Vendo-te as mãos em cruz, quais flôres pequeninas,
Fui chorar-te, debalde, ao pé das casuarinas,
Buscando-te a presença entre a lousa e o cipreste...

Entretanto, do além, caminhavas comigo,
Vinhas, a cada passo, anjo piedoso e amigo,
Guardar-me o coração na fé radiante e calma;

E, quando a morte veio expor-me à noite escura,
Soluicei de alegria, em preces de ternura,
Em te revendo a luz, conduzindo minha' alma!

Abílio Barreto

Mãe, Deus te abençoe!



UERO, Mãezinha, agradecer-te, em festa, por
tudo que me dás ao coração,
entretecer-te uma canção modesta, mas todo es-
fôrço é vão...
Se pudesse dizer a gratidão que sinto por teu santo
carinho protetor,
precisaria conhecer na essência tôda a glória do amor.
Tens o segrêdo da Bondade Eterna, Deus acena e
sorri por tua face...
Não há sábio no mundo que defina o sol quando apa-
rece, lírio quando nasce!...
Falar de ti, mostrar-te? Isso seria como explicar da
Terra, olhando a Altura,
a doce maravilha de uma estrêla a guiar o viajor em
noite escura.
Converto em prece o reconhecimento que em meu
peito humilde se extravasa,
rogando ao Céu te envolva em rosas de ventura, an-
jo sustentador de nossa casa!...
Deus te guarde, Mãezinha, pelo berço, descuidado e
risonho,
em que me acalentaste para a vida, como flor de teu
sonho.
Deus te compense pelas noites tristes de aflição que
te dei,

pelo perdão de tantas vêzes, tantas!... Quantas foram
não sei...
Deus te enalteça a fonte de ternura, que nunca se
enodoa e nem se cansa,
pelo cuidado com que restauras, ante o dom do tra-
balho e a fôrça da esperança!...
Perdoa se te oferto unicamente, na minha devoção de
todo dia,
o meu ramo de flôres orvalhadas nas lágrimas que
choro de alegria!
Com júbilos divinos, Mãe querida, que a Celeste
Bondade se coroe!...
Por tudo o que nos dás nos caminhos da vida, Deus
te exalte e abençoe!...

Maria Dolores

Prece dos filhos

SENHOR, que criastes as leis que nos regem e o mundo que nos acolhe; que nos destes a glória solar por luz de vossa onipresença e o manto estrelado que resplande nos céus por divina promessa de que a vossa misericórdia fundirá, em láurea fulgurante de redenção, as trevas dos nossos erros; que sois a justiça nos justos, a santidade nos santos, a sabedoria nos sábios, a pureza nos puros, a humildade nos humildes, a bondade nos bons, a virtude nos virtuosos, a vitória nos triunfadores do bem e a fidelidade nas almas fiéis, derramai a bênção de vossa compaixão sobre nós, a fim de que venhamos, ainda mesmo por relampagueante minuto, a esquecer os horizontes anuviados da Terra, em que se acumulam as vibrações letíferas de nossas malquerenças e o fumo empestado de nossos desesperos, convertidos na miséria e no ódio que se voltam, constantes, contra nós, da calíça do tempo!... Fazei, Senhor que se nos dobrem as cervizes sôbre os campos do Planêta que semeastes de fontes e embalsamastes de perfumes, que engrinaldastes de flôres e loirejastes de frutos, e se nos acomode o pensamento na oração, olvidando, por um momento só, a lei de Caim, a que temos atrelado o carro dos nossos falsos princípios de soberania e de fôrça, ensanguentando searas e templos, lares e

escolas, e assassinando mulheres e crianças, a invocarmos a chacina e a violência por suposto direito das nações!... E permiti, ó Deus da liberalidade infinita, que irmanados no santuário doméstico possamos todos nós, ante a paz que nos requesta ao trabalho dealvando o futuro, louvar-vos o nome inefável, reconhecidos e reverentes por haverdes concedido às nossas deserções e às nossas calamidades a coroa de heroísmo e o tesouro de amor que brilham em nossas Mães.

Ruy

Ternura

MÃEZINHA querida:
Lembro-me de ti, quando acordei para recordar.

Debruçada ao meu berço, cantavas baixinho e derramavas no meu rosto pequeninas gotas de luz que, mais tarde, vim a saber serem lágrimas.

Conchegaste-me no colo, como se me transportasses a brando ninho e, desde então, nunca mais me deixaste.

Quando os outros iam à festa, velavas comigo, ensinando-me a pronunciar o bendito nome de Deus... Noutras ocasiões, trabalhavas, de agulha aos dedos, contando histórias de bondade e alegria para que eu dormisse sonhando...

Se eu fugia, quebrando o pente, ou se voltava da escola com a roupa em frangalhos, enquanto muita gente falava em castigo, afagavas minhas mãos entre as tuas ou beijavas os meus cabelos em desalinho.

Depois cresci, vendo-te ao meu lado, à feição de um anjo entre quatro paredes... Cresci para o mundo, mas nunca deixei de ser, em teus braços, a criança pela qual entregaste a vida.

E, até agora, dia a dia, esperas, paciente e doce, o

momento em que me volto para teus olhos, sorrindo para mim e abençoando-me sempre, ainda mesmo quando os meus problemas te retalhem o peito por lâminas de aflição!...

Hoje, ouvi a música dos milhões de vozes que te engrandecem...

Quis apanhar as constelações do Céu e misturá-las ao perfume das flôres que desabrocham no chão, para tecer-te uma coroa de reconhecimento e carinho, mas, como não pudesse, venho trazer-te as pétalas de amor que colhi em minhalma.

Recebe-as, Mãezinha!... Não são pérolas, nem brilhantes da Terra... São as lágrimas de ternura que Deus me deu para que te oferte o meu próprio coração, transformado num poema de estrêlas.

Meimei

Súplica do filho

NÃO me procures, Mãe, sob o jazigo
Que recobres de jóias e açucenas!...
Fita o campo das lágrimas terrenas,
Levanta-te da lousa e vem comigo.

Aqui, chora a viuvez amargas penas,
Ali, geme a orfandade ao desabrigo,
Ergamos para a dor um pouso amigo
E as nossas dores ficarão pequenas!...

Transformemos o luxo, Mãe querida,
Em consôlo, agasalho, pão e vida,
Na inspiração do bem que nos governa!...

E seguiremos juntos, dia-a-dia,
Convertendo a saudade escura e fria
Em bendito calor de luz eterna.

Luiz Roberto

Para você, Mãezinha...

MÃEZINHA querida:
No seu dia abençoado, quando tantos salões se
abrem, festivos, para glorificarem seu nome,
quero contar-lhe que é em você que eu penso todos
os dias.

Quando volto à casa, depois dos estudos, com
os dedos manchados de tinta, penso em você para
guardar meus livros e lavar minhas mãos.

Quando alguém me aborrece ou magoa, corro
para você com o desejo de ocultar-me em seu colo.

Quando o cansaço me encontra, cada noite, bus-
co você para dormir tranqüilamente.

Mãezinha, quando eu errar, não me abandone...
Ampare-me nas asas doces dos seus braços e ensina-
me a andar no caminho reto.

Você ainda não viu quanto a amo? Fico triste
se você chora e estou alegre quando você sorri.

Por onde vou, sua imagem está sempre comigo,
porque você é o Anjo que Deus colocou na Terra pa-
ra guiar-me os passos.

Adoro você e estou, em seu carinho, como a flor
no coração amoroso da árvore...

Por isso, Mãezinha querida, penso em você, não
sòmente hoje, mas sempre, eternamente...

Meimei

Sempre amor

FORNO, ansioso, da morte à casa que deixara...
Os meus, o lar, o amor... eis tudo o que ambiciono!
Entro! Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono...
Mormaço, plenilúnio, o vento a noite clara...

Debalde grito, corro, observo, inspeciono...
Subo! Um morcêgo ronda a pequena almenara...
Nada! Ninguém me espera. A vida desertara.
Tudo silêncio e pó de tapera sem dono...

Sofro desilusão que o mundo não descreve,
Mas alguém abre a porta e me chama, de leve...
Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho...

Conheço-a!... Minha mãe!... Quanta saudade quanta!...
Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos de santa!...
Ela chora e repete: "Ah! meu filho! meu filho!..."

Jorge Matos

Encontro no Lar

QUÍ hoje, Mãezinha, os poemas que te exaltam
a glória e, como acontece em tantos outros dias,
minha memória te buscou nas telas do tempo!
O passado desfilou à frente de meus olhos, e tornei
a escutar as palavras com que te magoei, recordando
as ações infelizes com que, tantas vezes, te deixei
arrasada, entre o assombro e a aflição!...

Tornei a ver-te debruçada, em pranto sôbre mim,
quando leve mal-estar me tomava o corpo, suplican-
do a Deus me poupasse ao teu carinho, a mim que te
roubava a mocidade e atormentava o coração... E
reconstitui na lembrança o teu sorriso de ventura,
quando a saúde, de nôvo, me coloria a face!...

Depois, revi mais... Minha vida foi arrastada
para fora de teu convívio pelas intimações do mundo,
assim como o barco se desgarra do refúgio, arrebatado
pelos golpes do vento. Então, nem o dinheiro e
nem o conforto, nem o apôio social e nem a cultura
da inteligência me apagaram a sêde de retornar-te à
presença, a fim de sentir-me outra vez no calor de
teu regaço que me guardava no lar, à feição da pai-
na forrando o ninho.

Nada encontrei que se te assemelhasse à ternu-
ra!...

Anjo, como desceste da luz divina para as som-

bras da Terra? Estrêla, quem poderá definir o brilho com que fulges, invariável, no céu da abnegação?

Anseio algo exprimir-te do meu agradecimento e do meu afeto, mas a emoção se me extravasa do peito e as minhas frases esmorecem na bôca... Por isso, ante o mundo que se entenece para saudar-te, rogo te recolhas comigo no templo invisível da oração!... Quero entregar-te minha alma para dizer-te sem palavras o amor com que te amo... Abraçame!... Conhega-me a ti!... Mais ainda!... Deixa que eu te beije a cabeça fatigada e, enquanto as lágrimas de reconhecimento me caem dos olhos, à maneira de orvalho da gratidão sobre os teus cabelos que o tempo esmaltou de prata, deixa que o meu coração pulse em silêncio, junto do teu! Entretanto, fala Mãezinha!... Dize-me ainda:

“Deus te abençoe!...”

Meimei

Minha Mãe

ESEJAVA, Mãezinha, para testemunhar-te afeto e gratidão, escrever-te um poema que me fotografasse o coração.

E, ao servir-me do verbo, quizera misturar a beleza das flôres e das fontes, o azul do céu, o ouro do Sol e os lírios do luar!...

Anseio enaltecer-te!... A palavra, no entanto, Mãe querida, não consegue mostrar as bênçãos incessantes que nos trazes à Vida.

Em vão consulto dicionários! Não encontro a expressão lúcida e bela que nos defina claramente a luz que o teu sorriso nos revela...

Ofereço-te, assim ao carinho perfeito o doce pranto de agradecimento que me verte do peito.

As lágrimas que choro de alegria refletem, uma a uma, as estrêlas de amor que te engrandecem, — a tua glória em suma!...

És tudo de mais lindo que há no mundo, — o agasalho a ternura calma e boa. o refúgio de santo entendimento, a presença que abençoa...

Desculpa, meu tesouro de esperança, se não te sei
nobilitar
o reino de bondade e sacrifício, no sustento do lar!
E não sabendo, Mãe, como louvar-te a celeste afei-
ção,
rogando a Deus te glorifique a vida, trago-te o cora-
ção.

Maria Dolores

Versos á minha Mãe

PASSARO prêso no recinto escasso
Do velho canavial, beirando o rio,
Quis ver o mundo vasto e conheci-o,
Varando, em pleno vôo, o azul do espaço...

Lembro-me agora... Enceguecido, abraço
A exaltação, a glória e o poderio...
Mas tudo, minha mãe, era vazio
Fora do amor que brilha em teu regaço.

Vi mil chagas de dor que a fama incensa
Nos nervos de ouro da cidade imensa,
E prazeres, em trágico desmando...

Mas no colo a que, em sonho, me recostas,
Tenho apenas teu vulto de mãos postas,
Que teu filho recorda, soluçando...

Da Costa e Silva

Ternura maternal



S paredes da casa em vão procuro,
Quero dizer adeus e não consigo...
Vejo apenas o vulto amargo e amigo
Da morte que me estende o manto escuro.

Choro a estirar-me, trêmulo, inseguro;
O leito ensaia a pedra do jazigo...
Padeço, clamo e indago a sós comigo,
Qual pássaro que tomba contra um muro.

A névoa espessa enreda o corpo langue.
É o terrível crepúsculo do sangue
Que me tinge de sombra os olhos baços;

Mas surge alguém, no caos que me entontece,
E minha mãe, que alonga as mãos em prece,
Doce estrêla brilhando nos meus braços!...

II

Ave que torna, em chaga, ao brando ninho,
Ouço divina música que me embala,
Motes do lar que tornam de mansinho.

Ergo-me agora... o corpo é o pelourinho
De que me desvencilho por beijá-la...
“Mãe! Minha mãe!...” — suspiro, erguendo a fala,
A soluçar de júbilo e carinho.

— “Dorme, filho querido! Dorme e sonha!...”
Nossa velha canção terna e risonha
Regressa com beleza indefinida...

Tomo-lhe os braços em que me acrisolo
E durmo novamente no seu colo
Para acordar no berço de outra vida.

Carlos Dias Fernandes

Mãe

 minha santa mãe! era bem certo
Que entre as preces maternas estendias
As tuas mãos sôbre os meus tristes dias,
Quando na Terra — que era o meu deserto.

Nos instantes de dor, bem que eu sentia
As tuas asas de Anjo da Ternura,
Pairando sôbre a minha desventura
Feita de prantos e melancolia.

Flor ressequida eu era, e tu o orvalho
Que me nutria, pobre e empalecida;
Era a tua alma a luz da minha vida,
Meu tesouro, meu dúcido agasalho!...

Aí de mim sem a tua alma bondosa,
Que me dava a promessa da esperança,
Raio de luz, de amor e de bonança,
Na escuridão da vida dolorosa.

E que felicidade doce e pura,
A que senti após a treva e a morte,
Findo o terror da minha negra sorte,
Quando vi teu sorriso de ventura!

Então, senti que as Mães são mensageiras
De Maria, Mãe de anjos e de flôres,
E Mãe das nossas Mães cheias de amôres,
Nossas meigas e eternas companheiras!...

Auta de Souza

Mensagem dos filhos

MÃEZINHA!

Quando nos acolheste nos braços, sentiste que o coração se te estalava no peito, à feição de harpa repentinamente acordada por mãos divinas...

Rias e choravas, feliz, crendo haver convertido o regaço em ninho de estrêlas. Conchegaste-nos ao colo, qual se trouxesse uma braçada de lírios que orvalhavas de lágrimas.

Quantos dias de ansiedade e ventura, sorrindo ao porvir, e quantas noites de vigília e sofrimento, receando perder-nos!...

O tempo avançou, laureando heróis e exaltando sábios, entretanto, para teu heroísmo oculto e para a tua sabedoria silenciosa, nada recebeste do tempo, senão as farpas de pranto que te sulcaram o rosto e os cabelos brancos que te coroaram a experiência.

Depois, Mãezinha, viste-nos crescidos e transformados, sem que o amor se te alterasse ou diminuísse nas entranhas do espírito.

Muitos de nós fomos afastados de teu convívio lembrando fontes apartadas de um manancial de carinho, na direção de outros campos... Outros se distanciaram de ti, à maneira de flôres arrebatadas ao jardim de teus sonhos para as festas do mundo.

Ninguém te percebeu o frio da saudade e nem te viu o espinheiro de aflição atrás dos gestos de paciência, mas nunca estiveste só... Deus te ensinou a cartilha da ternura e a ciência do sacrifício, clareou-te a fé e sustentou-te a coragem... Quanto a nós, parecíamos desmemoriados e distraídos, no entanto, sabíamos, com toda a nossa alma, que as tuas preces e exemplos nos alcançavam os caminhos mais escuros, soerguendo-nos da queda ou sustando-nos o mergulho no abismo, à maneira das fulgurações estelares, que orientam os passos do viajor, quando a noite se condensa em trevas...

E, ainda hoje, nos instantes de provação, basta que te recordemos o amor para que se nos ilumine o rumo e refaçam as forças.

É por isso, Mãezinha, que em teu dia de luz, enquanto a música da alegria te homenageia nas praças, nós estamos contigo, no aconchego do lar, para ouvir-te de novo as orações de esperança e beijar-te as mãos, repetindo: Bendita sejas!...

Meimei

O Berço

EM êxtase contemplo os sois em bando,
Arcturo, Aldebarã, Sírius, Antares,
E o caminho onde os anjos tutelares
Passam ébrios de júbilo, cantando...

Bebo a vida imortal em que me expando,
Nos perfumes e côres de outros ares.
Surgem novos impérios estelares,
Na glória do Universo, fulgurando!...

Mas ouve, Mãe, em pleno Lar Celeste,
Recordo o berço humilde que me deste,
Ao pranto da alegria em que me inundo...

Muito mais que na luz do imenso Espaço
Pulsa, no imenso amor de teu regaço,
O próprio coração de Deus no mundo...

Da Costa e Silva

Devoção

*Devemos interpretar
Tôda mulher ao relento
Como sendo nossa mãe
Vagando no sofrimento.*

Vivita Cartier

A Terra

 GRADECE, cantando, a Terra que te abriga.
Ela é o seio de amor que te acolheu criança,
O berço que te trouxe a primeira esperança,
O campo, o monte, o vale, o solo e a fonte amiga...

Do seu colo desponta a generosa espiga,
Que te farta o celeiro e te rege a abastança,
Dela surge, divino, o lar que te descança
A mente atribulada entre o sonho e a fadiga.

Louva-lhe a própria dor amarga, escura e vasta,
E exalta-lhe o grilhão que te encadeia e arrasta,
Constringindo-te o peito atormentado e aflito.

Bendize-lhe as lições na carne humilde e santa...
A Terra é a Grande Mãe que te ampara e levanta
Das trevas abismais para os sóis do Infinito!...

Amaral Ornelas

Por amor à criança

ÓS que tantas vêzes rogamos o socorro da Providência Divina, oremos ao coração da mulher suplicando pelos filhinhos das outras! Peçamos às seareiras do bem pelas crianças desamparadas, flôres humanas atingidas pela ventania do infortúnio, nas promessas do alvorecer!...

Pelas crianças que foram enjeitadas nos becos de ninguém;

Pelas que vagueiam sem direção, amedrontadas nas trevas noturnas;

Pelas que sugam os próprios dedos, contemplando, por vidraças faustosas, a comida que sobeja desperdiçada;

Pelas que nunca viram a luz da escola;

Pelas que dormem, estremunhadas, na goela escura do esgôto;

Pelas que foram relegadas aos abrigos de lama e se transformam em cobaias de vermes destruídos;

Pelas que a tuberculose espia, assanhada, através dos molambos com que se cobrem;

Pelas que se afligem no tormento da fome e mentalizam o furto do pão;

Pelas que jamais ouviram uma voz que as a-

bençoasse e se acreditam amaldiçoadas pelo destino;

Pelas que foram perfilhadas por falsa ternura e são mantidas nas casas nobres quais pequenas alimárias constantemente batidas pelas varas da injúria;

E por aquelas que caíram, desorientadas, nas armadilhas do crime e são entregues ao vício e à indiferença, entre os ferros e os castigos do cárcere!

Mães da Terra, enquanto vos regozijais no amor de vossos filhos, descerrai os braços para os órfãos de mãe!... Lembremos o apêlo inolvidável do Cristo: "Deixai vir a mim os pequeninos". E recordemos, sobretudo, que se o homem deve edificar as paredes imponentes do mundo porvindouro, só a mulher poderá convertê-lo em alegria da vida e carinho do lar.

Emmanuel

Celina



QUANDO elevamos ao céu o nosso olhar suplicante, há para todos nós, os que se afligem na provação, uma carinhosa e compassiva Mãe que nos ampara e consola...

Compadece-se da nossa dor, contempla-nos com misericórdia e manda-nos então o anjo da sua bondade, para balsamizar os nossos padecimentos... É Celina, a suave mensageira da Virgem, a Mãe de tôdas as Mães, o gênio tutelar da Humanidade sofredora...

Quando o pranto aflora nos olhos das que são filhas e irmãs, das que são espôsas e mães na Terra, no coração das quais, muitas vezes, se concentra a amargura, vem Celina e toma-as nos seus braços de névoa resplandecente e, através dos ouvidos da consciência, lhes diz com brandura: "Veio a dor bater à vossa porta? Coragem... Não vos desanimais nas ásperas lutas que objetivam o vosso aprimoramento moral. Pensai n'Aquela que teve sua alma recortada de martírios, lacerada de sofrimentos, atormentada de angústia. Ela se desvela do céu por tôdas aquelas almas que escolheram suas pegadas de Mãe amorosa e compassiva.

Foi ela que escutou a oração da vossa fé e enviou para que eu vos desse as flôres do seu amor sacrossanto, portadoras da paz, da humildade e, sobre-

tudo, da paciência, porque o acaso não existe e tudo na vida obedece a uma lei inteligente de causalidade que foge aos vossos olhos, que se sentem impossibilitados de ver tôda a verdade: Tomai as minhas mãos! Cumpri austeramente todos os vossos deveres, fechai os vossos olhos àquilo que pode obstar os vossos passos para a luz e caminhai comigo...

Os anos são minúsculas frações de tempo, e, um dia, sem vos deterdes com o cansaço, chegareis aos pés d'Aquela que é a vossa Mãe desvelada de todos os instantes!..."

E tôdas aquelas que a ouvem, sentem-se sustentadas por braços tutelares, na noite escura das dores, e, vertendo lágrimas amargosas, preparam-se e se iluminam na pedregosa senda da virtude para respirarem os ares felizes do encantado país onde desabrocham os lírios maravilhosos da esperança.

Maria João de Deus

Mãe

RONRARÁS pai e mãe — a Lei determina. Não te esqueças, porém, de que nove meses antes que os outros te vissem a face, a tua presença na Terra era o segredo da vida, entre o devotamento materno e o Mundo Espiritual.

Na juventude ou na madureza, lembrar-te-ás da mulher frágil que, sendo moça, envelheceu, de repente, para que desabrochasses à luz, e, trazendo o ideal da felicidade como sendo uma taça transbordante de sonhos, preferiu trocá-los por lágrimas de sofrimento, para que tivesses segurança no berço.

Agradecerás a todos os benfeitores do caminho, mas particularmente a ela, que transfigurou em força a própria fraqueza, a fim de preservar-te.

Quando o mundo te aclame a cultura ou o poder, o renome ou a fortuna, recorda aquela que não apenas te assegurou o equilíbrio, ensinando-te a caminhar, mas também atravessou longos meses de vigília, esperando que viesses a pronunciar as palavras primeiras para melhor escravizar-se à execução de teus desejos.

Muitos disseram que ela estava em delírio, cega de amor, que nada via senão a ti, entretanto compreenderás que ela precisava de uma ternura assim sobrehumana, de modo a esquecer-se e suportar-te

as necessidades, até que lhe pudesses dispensar, de todo, o carinho.

Se motivos humanos a distanciam hoje de ti, que isso aconteça tão só na superfície das circunstâncias, nunca nos domínios da alma, porque através dos fios ocultos do pensamento, sentir-lhe-ás os braços sustentando-te as esperanças e abençoando-te as horas.

Nunca ferirás tua mãe. Ainda quando o discernimento te coloque em posição diversa, em matéria de opinião, porque ela se tenha habituado a interpretação diferente do mundo, não lhe dilaceres a confiança com apontamentos intempestivos e espera, com paciência, que o tempo lhe descortine novos horizontes, relativamente à verdade.

“Honrarás pai e mãe” — a Lei determina. Não te esquecerás, porém, de que se teu pai é o companheiro generoso que te descerrou o caminho para a romagem terrestre, tua mãe é o gênio tutelar que te acompanha os passos, em tôda a vida, a iluminarte o coração por dentro, com a bondade e a perseverança da luz de uma estrêla.

Emmanuel

Correio maternal

*Mãe, quando a noite afervora
A tua oração no lar,
Teu filho morto, lá fora,
E a brisa querendo entrar.*

Meimei

*Mãe entregue à sepultura
Vence trevas e empecilhos,
Para ser paz e brandura
À cabeceira dos filhos.*

Celeste Jaguaribe

Lembrando Maria, nossa Mãe

MINHA filha:

Deus nos guie para diante.

Atendamos aos Desígnios do Senhor que nos redime pelo sofrimento, como o oleiro consegue purificar a argila do vaso pela bênção do fogo.

Não tenhamos em mente senão a soberana e compassiva determinação do Alto para que possamos realmente triunfar.

Não sabemos a hora da grande renovação, mas não ignoramos que a renovação virá, fatalmente, em favor de cada um de nós.

Assim sendo, não nos preocupemos quanto à estrada que nos cabe palmilhar; mas, sim, busquemos, em nós e fora de nós, a precisa força para vencê-la dignamente.

Sigo-te ou, aliás, seguimos-te o calvário silencioso.

Não te desanimes, nem te inquietes. Caminha simplesmente.

Existe para nós o divino modelo daquela Mulher venerável e sublime que, depois de escalar o monte, tudo perdeu na Terra, sabendo, porém, conservar-se ligada ao Pai de Infinita Misericórdia, convertendo em trabalho e conformação, em prece e esperança, as chagas da própria dor.

Maria, nossa Mãe Santíssima, não é mãe ausente do coração que a Ela recorre.

Inspiremo-nos em seu martirólogo de angústia e saibamos fazer de nossos padecimentos, um celeiro de graças. A aflição que se submete a Deus, procurando-lhe as diretrizes, é uma âncora de sustentação; mas aquela que se perde em desespero infrutífero é um espinheiro de fel.

Soframos com calma, com resignação invariável, de mãos no arado de nossos deveres e de olhos voltados para o Céu.

É preciso coragem para não esmorecer, porquanto, para as mães, a renúncia como que se converte em alimento de cada dia. Recordemos, porém, nossa Mãe do Céu e sigamos com destemor.

Não te faltará o arrimo das amizades celestiais que te cercam e, pedindo-te confiar em minha velha dedicação, sou a amiga de sempre, que se considera tua mãe espiritual.

Zizinha

Carinho e reconhecimento



QUERIDA Mamãe:

Pedindo-lhe me abençoe com o seu carinho de todos os dias, venho trazer-lhe o meu abraço.

É sempre doce acenar à senhora com o sinal de nossa ternura, de nosso reconhecimento.

Tenho a idéia de que nós, seus filhos, somos pássaros incapazes de esquecer a árvore acolhedora que os viu nascer.

Por muitos vastos sejam nossos vôos, chega o momento em que sentimos sede do aconchêgo suave do ninho e, alegres e confiantes, tornamos aos seus braços renovando as energias para as incursões no espaço infinito!

Graças a Jesus, vemô-la corajosa, refeita.

A ventania arrasadora rouba-lhe os galhos de esperança, decepa flôres de seu ideal de espôsa, mãe e mulher; mas a senhora permanece firme, à frente do temporal.

Rendamos graças à Divina Providência pela dádiva de sua coragem e de seu heroísmo.

As mãos de Jesus operam milagres nos corações que a elas se entregam com segurança.

Afastam pesares, curam chagas, adormecem a dor. Levantam-nos para o trabalho e sustentam-nos na tarefa que nos cabe desenvolver. Dissipam

a neblina da angústia e acendem nova luz nos horizontes de nossa fé. Multiplicam nossas forças, dilatando-as no serviço a que nos afeiçoamos a favor de nosso próprio bem. Cerram nossos lábios quando a fadiga nos sugere observações imprudentes e constituem infalível apóio para que não venhamos a cair nos despenhadeiros que se alongam nas margens do caminho que devemos trilhar.

São arrimos valiosos que nos sustentam de pé, transportando-nos através de asas luminosas, às visões do Céu.

Procuremos cada dia as mãos do Senhor.

Sem elas, Mamãe, não seria possível um passo à frente, na estrada da redenção a que fomos conduzidos pela Bondade Celestial.

Com a senhora, aprendi a buscar êsse bendito sustentáculo de minha jornada nova... Deus a recompense por tôdas as bençãos de sua maternal dedicação.

Ainda e sempre, rogo-lhe não esmorecer.

Com o Mestre da Verdade, sabemos que tudo perder no mundo transitório é tudo reencontrar na vida eterna.

Seu espírito valoroso tem sabido planejar o bem e executá-lo sem desligar-se da certeza de que tudo é de Deus e de que tudo permanece n' Ele, nosso Amoroso Pai.

Compreendo-lhe a suprema renúncia. Sem ela, contudo, não lhe seria possível realizar tanto, em nosso benefício.

É por isso que, em preces silenciosas e constantes, peço ao Senhor a conserve resistente e calma, nobre e forte.

Recordemos que as mãos de Jesus permanecem nas diretrizes de nossa marcha. O tempo é um empréstimo de Deus.

Elixir miraculoso — acalma tôdas as dores.

Invisível bisturi — sana tôdas as feridas, refazendo os tecidos do corpo e da alma.

Com o tempo erramos, com êle retificamos.

Em companhia dêle, esposamos graves compromissos e, por êle amparados, resgatamos todos os nossos débitos.

Enquanto acreditamos que o tempo nos pertence, muitas vêzes (caímos presas de cipoais de sombra; mas, quando compreendemos que o tempo é de Deus, o nosso retôrno à paz se concretiza em abençoada recuperação de nós mesmos para o amor que tudo regenera e tudo santifica.

Confiemos, assim, no tempo que o Senhor nos concede à própria libertação e prossigamos convertendo nossos problemas em lições e as nossas lições em bençãos da divina imortalidade.

Jesus está conosco e, ao toque de sua infinita bondade, tôdas as nossas experiências se transformam em motivo de felicidade imperecível.

A todos os nossos, o meu abraço carinhoso de sempre.

E beijando-a com o meu coração reconhecido, sou a filha sempre ao seu lado.

Aparecida

No correio do coração



Querida filha:

Deus nos abençoe.

Não se sinta esquecida por sua mãe na viagem dolorosa.

Mãe, também sinto as penas que lhe sangram o coração e, mais acordada para a vida, em razão do milagre da morte, mais me doem suas feridas, suas amarguras, suas provações...

Ainda assim, louvemos o sofrimento que se fez nosso agulhão de todos os dias. E por êle que alvejamos o tecido de nossa alma, a fim de vestir, mais tarde, aquela túnica de felicidade na festa nupcial da comunhão com Jesus. Até lá, é preciso padecer e agradecer, chorar e sorrir, trabalhar e esquecer, acolhendo os transe da existência por dádivas do Céu e desculpando a existência escura da Terra, pela claridade que as suas lutas acerbadas inflamam em nós.

De tudo o que vi no mundo, de tudo o que conheci entre os homens, só mesmo a fé e o serviço, a prova e o sofrimento, se revestem de justo valor.

Enquanto na carne, sobram enganos ao coração...

Procuramos equilíbrio nas ilusões da vida material, como se essas ilusões não passassem...

Buscamos satisfação e reconforto, segundo as

convenções humanas, como se essas convenções representassem realidades. Idealizamos a construção de um paraíso de amor com os nossos afetos, como se esses laços não pertencessem a Deus...

E, por isso, quando a ventania da experiência rugue sobre nós, raramente nos sustentamos de pé, a fim de prosseguir na subida para o melhor. Mais feliz que eu mesma, apesar das aflições que me devastaram na Terra, você tem visto a tempestade de perto, sabendo dignamente atravessá-la. Não perca sua coragem e sua confiança, sua submissão ao Céu e sua paciência de cada dia.

A fé viva é uma lâmpada que não se apaga quando sabemos oferecer-lhe o combustível de nossa humildade, perante o Senhor.

Não tema diante dos obstáculos. Lembre-se da transitoriedade de tudo! Nosso lar, que era um ninho, nossas afeições que eram oasis de alegria, nossos projetos que eram alimento da alma e nossas realizações domésticas que pareciam verdades inamovíveis também passaram...

Eu às vezes, penso que a reencarnação dos seres que se amam, em abençoados grupos familiares, é semelhante a breve reunião de viajores num recanto pacífico da praia...

Por algum tempo, é possível a continuidade da comunhão de vistas e esperanças naqueles que se entrelaçam; mas, logo após, o mar que nos deve exercitar as forças, em ondas fortes, se incumbe de separar temporariamente os que se harmonizam uns com os outros, a fim de que a romagem de aprendizado alcance os seus fins no fortalecimento do espírito.

Graças a Jesus, você tem vencido galhardamente os choques e as surpresas da travessia laboriosa... E esteja certa de que, enquanto suas mãos estiverem acariciando a cruz que o Senhor nos concede, por valioso salva-vidas, no oceano irado das prova-

ções, sua viagem continuará sempre iluminada pelo sol bendito da Divina Proteção a conduzi-la até o porto seguro da paz definitiva, em que abnegados amigos a esperam, solícitos e amorosos. E guarde igualmente a convicção de que estamos ao seu lado, auxiliando-a em todos os lances difíceis, para que a vejamos, enfim, afortunada e vitoriosa.

Minha filha, por mais inquietantes sejam os tropeços, não desanime, recordando que mais tem Deus a nos dar.

O Celeste Amor não se empobrece. Quanto mais buscamos das mãos de Nosso Pai, maiores suprimentos nos reserva Ele às nossas necessidades. Descanse, atenda à saúde e continuemos dando o melhor de nós mesmas na plantação do bem.

A dor é a senda para a alegria.

O pranto é a preparação do sorriso.

A saudade é a esperança que sofre.

Tomemos Jesus por nosso condutor infalível e avancemos.

Distribua minhas lembranças com todos os nossos e, conchegando você ao meu coração, peço-lhe guardar, como sempre, todo o carinho, todo o reconhecimento e todo o amor de sua mãe.

Isabel

Bilhete maternal



QUERIDO filho:

Deus abençoe os seus passos, concebendo muita felicidade e luz ao seu caminho.

Sou eu quem traz à sua fé ardente a minha visita de hoje, rogando a Jesus o recompense por todos os cuidados que dispensou à nossa Regina. Ela, graças à Nossa Mãe Santíssima, vai passando melhor muito bem assistida por irmãos Protetores que nada lhe deixam faltar. Ainda não me reconheceu, como é natural, porque, a morte do corpo para quem não se preparou, convenientemente, é sempre um choque muito grande para o espírito. Espero, entretanto, que ela muito breve esteja ao meu lado, cooperando conosco na missão do bem.

Tenho estado com você e com o Carlos, sempre que posso, e conto com o auxílio divino em favor de nós todos. Estou com a graça de Jesus, muito identificada com a sua tarefa na assistência aos enfermos.

Rogo-lhe, meu filho, nunca perder o entusiasmo e a confiança no serviço do amor cristão a que nos dedicamos. O seu trabalho, ao pé dos nossos irmãos doentes, é para a sua mãe o mais precioso. Sinto-me ditosa em poder seguir em sua companhia para o leprosário, onde, em verdade, estamos formando uma nova e abençoada família.

A dor aliviada ou consolada por nós é uma bênção invisível que nos acompanha onde vamos. Que o nosso Divino Médico faça derramar sobre o seu caminho muita paz, bom ânimo, alegria e luz, cada vez mais.

Ainda sou uma serva pequenina da caridade, mas estou sempre na esperança de que o Divino Mestre nos abençoará os trabalhos, a fim de que a nossa capacidade de crescer para Ele, na tarefa de auxílio aos nossos semelhantes, se faça cada vez maior.

Não se esqueça de mim em suas preces. Com o apoio de um filho dedicado a Jesus, quanto você, a jornada será sempre mais fácil. Não olvide a bendita oportunidade dos seus dias na extensão das boas obras. Aqui, a nossa felicidade maior é aquela que procede dos atos meritórios e dignos, na sementeira da caridade e da harmonia. Continui fortalecendo Regina com as suas preces. Ela necessita desse amparo.

Agradecendo a você tôdas as alegrias que o seu carinho e o seu devotamento me proporcionam, receba no coração o abraço muito afetuoso da Mamãe que não os esquece.

Laurinda

Em plena Renovação



UERIDA Mamãe:

Eis-me aqui, pontual, para o nosso encontro, através do lápis.

Sinto-me feliz com as suas horas de refazimento. Tão grande é a luta e tão inquietantes os problemas que nos asfixiam o tempo, nos círculos dos mais amados, que naturalmente, de quando em quando, é imprescindível a pausa de repouso para a restauração.

Não sei bem se posso julgar em minha inexperiência, mas, por vezes, pergunto a mim mesma, se a Terra não será uma casa incendiada, reclamando socorro...

Por tôda parte multiplicam-se aflições e conflitos. Dores incontáveis sitiam as criaturas, em todos os lugares...

Entretanto, Mamãe, o quadro escuro tem ensinado novas lições ao meu espírito, compelindo-me a buscar a verdadeira luz para clarear o caminho.

Essa luz é a oração, o fio misterioso que nos coloca em comunhão com as esferas divinas.

Pela prece encontramos o remédio salutar para as nossas feridas, bálsamo para as nossas dores, equilíbrio para as nossas emoções atormentadas.

Creio, hoje, que alta percentagem das moléstias que perseguem a saúde dos homens é perfeitamente curável pela oração, de vez que a maioria das afecções orgânicas são simples quedas espirituais de nossa própria alma, nos caminhos do coração.

Vejo-me, felizmente, mais forte, mais senhora de mim mesma. Presentemente, o ideal de trabalhar, em meu próprio reajuste, absorve-me a vida.

Não tive tempo de viver suficientemente, na posição de médica, para desaprender certos enganos que a ciência nos impõe, nos bancos acadêmicos, razão pela qual hoje me desvelo na recomposição dos meus conhecimentos.

A senhora ainda é a minha instrutora maior, porque se a paciência me ajudou a vencer alguns capítulos difíceis de minha passagem pelo corpo, devo-a aos seus exemplos incessantes de paz, tolerância, renúncia e carinho.

Há situações das quais, realmente, não nos compete o conhecimento deliberado. É preciso ignorar a existência de certos flagelos para que possamos cooperar em sua extinção.

Sejam a serenidade e a fé nossas companheiras de viagem.

Tenhamos confiança no Céu. De lá, vem todo o suprimento de que necessitamos para o desempenho fiel de nossas obrigações.

Seus pensamentos me alcançam como chuva de flôres a se despetalarem sobre mim.

A fé é o guia sublime que, desde agora, nos faz pressentir a glória do grande futuro, com a nossa união vitoriosa para o trabalho de sempre.

Agradecemos a Terra pelas dores que nos deu... O mundo que conhecemos é somente degrau e o corpo é pesada roupagem de serviço que, por deter-

minado tempo, devemos utilizar, com respeito e reconhecimento, a benefício de nossa própria redenção.

Com lembranças a todos os nossos, beija-lhe o coração e pede a senhora que a abençoe, a filha muito reconhecida e muito amiga:

Aparecida

Do Coração Materno



EU filho:

Jesus nos abençoe.

Muito satisfeita com a sua jornada de luz, peço a Deus enriquecer o seu caminho de paz e trabalho, como sempre.

Meu filho, a caridade será sempre o nosso templo de salvação.

Seus altares são os corações necessitados do próximo, onde podemos e devemos acender o círio de nossa devoção ao supremo bem.

Agora, nos anos últimos, sinto que encontramos na sublime virtude o nosso abençoado santuário de serviço para as tarefas que nos cabe realizar.

Aí, na Terra, espessa é a neblina que nos obscurece a visão, quando nos falha o esclarecimento justo. Venerável é a Igreja que nos orientava a fé religiosa, pelos seus títulos do passado; mas, a Igreja, a que servimos noutro tempo, é semelhante a um palácio brilhante, todavia, sem calor que nos aqueça o espírito enregelado nas experiências do mundo.

Como desejaria, hoje que consigo divisar alguma luz, conduzir aos nossos o archote aceso de nova esperança; contudo, meu filho, qual acontece a você mesmo, sou constrangida a esperar o tempo, contando com a Divina Misericórdia!

Não esmoreçamos, porém. O mesmo Benfeitor Celestial que nos atendeu as necessidades, há de socorrer aquêles a quem amamos. Nesse sentido, esperarei sempre pela sua boa vontade, seu carinho e seu sacrifício! Companheiro e filho ao mesmo tempo, seus braços me auxiliarão a remover os tropeços da senda, para que a luz de um nôvo entendimento felicite os corações inolvidáveis que marcham para a frente, ao lado dos nossos.

Sinto-me renovada e fortalecida ao seu lado, na tarefa de assistência aos nossos irmãos menos felizes.

Creia que o seu esforço, no amparo aos nossos irmãos hansenianos, constitui para sua mãe, uma bênção do Céu.

Avancemos, meu filho!

Distribuíamos o amor de Jesus através dos recursos ao nosso alcance. Sustentemos a chama sem nos voltarmos para trás.

Jesus é o nosso Divino Guia.

Nada temamos. No dever bem cumprido, reside a nossa vitória.

Receba, pois com as minhas saudações aos nossos amigos presentes, todo o coração cheio de carinho e de saudade de sua mãe e sirva de sempre.

Laurinda

Página do carinho filial

SIM, Mãezinha, a dor é a nossa amiga e, principalmente para as Mães, a jornada terrena é testemunho de sacrifício...

Muitas vezes, escuto-lhe as perguntas silenciosas e para responder a elas desejaria materializar o meu próprio coração, de modo a revelar-lhe o meu carinho...

Entre nós dois, vivem agora, juntas, a névoa da saudade e a luz da esperança.

Meu afeto é sempre seu a sua ternura é sempre minha, mas não nos esqueçamos da grande família humana, na qual nos integramos.

Os necessitados e os sofredores são nossos irmãos mais próximos.

Dividamos com eles o tesouro de nosso amor.

O sofrimento dá-nos compreensão e a compreensão confere-nos crescimento espiritual.

Reconhecemos, por isso, que a nossa família se encontra, hoje, em toda a parte.

Os filhos sem Mãe e as Mães angustiadas, os aflitos e os tristes, respiram em todos os lugares, contando com o nosso consólo e com as nossas mãos.

Auxiliemos, assim, desassombradamente, amando e servindo, sem vacilação e sem receio.

Dores e dificuldades são nossas portas de ilu-

minação e enriquecimento, se soubermos abri-las com entendimento e boa vontade.

Aceitemos nossas provas, por mais dolorosas e por mais rudes, como nossas beneméritas instrutoras, e cresceremos para o Senhor, através do cumprimento de nossos deveres, marchando, cada vez mais unidos, para a nossa comunhão integral.

Raymundinho

Páginas de saudade e ternura



ILHA querida:

Deus abençoe a vocês todos, concedendo-lhes muita saúde, alegria e paz.

Suas preces e pensamentos me buscam, na vida espiritual, como vivos apelos do coração.

Nossas lágrimas de saudade se confundem.

Morrer, minha filha, não é descansar, porque o amor, principalmente das mães, é sempre uma aflição permanente do espírito.

Ainda não pude habituar-me à idéia de que nos separamos, no mundo, apesar de sentir-me amparada, incessantemente, por minha mãe e pelo carinho de seu pai.

Quando você se encontra a sós, pensando... pensando... muitas vezes, sou atraída por suas meditações, e, em sua companhia, revejo nossos dias escuros e difíceis em minha viuvez iniciante. Uma ansiedade dolorosa me constrange o coração, nesses encontros...

É que desejava fazer-me visível aos seus olhos e acariciar seus cabelos, como em outro tempo. Em vão, procuro dizer a você, que estou viva, que a morte é ilusão. Inútilmente busco um meio de arrancá-la das reflexões tristes, arrebatando-a das sombras íntimas, para restituir seu espírito à alegria;

mas sou forçada a receber suas perguntas doloridas e esperar...

Filha do meu coração, rogo-lhe se reanime.

Não estamos separadas para sempre.

O túmulo é apenas uma porta que se abre no caminho da vida, da vida que continua sempre vitoriosa.

Quando você puder, interesse-se pelos estudos da alma eterna.

Guarde a sua fé em Deus, como lâmpada acesa para todos os caminhos do mundo.

Tudo na terra é passageiro.

Ainda ontem estávamos juntas, conversando, unidas, quanto aos nossos problemas; e, hoje, tão perto pelo coração, mas tão longe pelos olhos da carne, uma da outra, somos obrigadas a colocar a saudade e a recordação no lugar da presença e da comunhão mais íntima, em nossa alma.

Tenha paciência, minha filha, e nunca perca a serenidade.

Estarei com você, em todos os seus passos.

Abraçada às suas orações e às lembranças carinhosas, que me fortalecem para a jornada nova, e rogando a você muita tranquilidade e confiança em Deus, sou a mamãe muito amiga, que vive constantemente com você pelo coração.

Noêmia

Doce bilhete



EUS queridos pais:

Por mais me esforce, não consigo arrancar do lápis a nota de minha alegria em lhes comunicando o reconhecimento e o júbilo que me vão dentro d' alma.

Creio, hoje, que as mais belas expressões da natureza, no mundo, são silenciosas e mudas, porque a palavra talvez lhes desfigura a beleza.

O sol, a fonte, a árvore e a flor não falam. Irradiam a luz, a harmonia, a beleza e o perfume por mensagens intraduzíveis da sua gratidão ao Senhor.

É assim nossa alma, quando a morte nos despoja do corpo denso, revelando-nos as realidades sublimes que nos cercam.

Por êsse motivo, não posso falar-lhes do regozijo com que desejaria expressar-me.

A emoção eleva-se, majestosa, do meu coração até o cérebro; mas, quando tento arremessá-la através da escrita humana, desaponta-me a pobreza dos recursos de manifestação íntima ao nosso dispor na Terra.

Mamãe, não ignoramos a sua renúncia por nós todos no mundo. Seu devotamento tem sido o manancial cristalino de água pura a banhar-nos a plantação de fé e entendimento. Todos nos senti-

mos imantados à sua ternura que representa, para nós, suave alimento. Nos dias escuros, o seu carinho foi nossa claridade invariável e, nas horas claras da esperança, o seu amor foi sempre o nosso estímulo. Continuí sem descanso em sua sementeira de caridade.

Hoje sabemos, com mais segurança e precisão, quanto vale a sua confiança em Deus a benefício de nosso grupo familiar. E pedimos à sua dedicação jamais confiar-se à incerteza ou à dor, ao desalento ou à indecisão.

Além dos nossos, a sua e a nossa família espiritual crescem constantemente, em busca de nosso concurso fraterno e, dêsse modo, desejamos sabê-la forte e bem disposta para tôdas as tarefas que o Senhor nos confiou.

Não pense estejamos distantes. Vivemos unidos em espírito, na mesma faixa de serviço e compreensão.

A sua bondade tem sido o instrumento de muitos para muitos e, mais que nunca, precisamos de sua coragem e de sua devoção ao bem para o trabalho que nos cabe desenvolver.

Daqui, do mundo nôvo, a que fui conduzido pelos nossos Maiores, trago-lhe as rosas sem espinhos do nosso afeto, que não morreu.

A morte nos mergulha no sono por algumas horas, para arrebatá-nos, depois, à bênção do dia.

Tudo é vida a estender-se sem fim.

Tudo é grandeza divina, a dilatar-se perante os nossos olhos, do grão de areia aos mundos distantes nos confins do Universo.

Não permitamos que a tristeza se avizinha de nós. Deus é Sol de Amor, que nunca se apaga. E a vida é o côro de alegrias eternas que lhe flui do coração.

Reunindo todos os nossos no mesmo abraço de carinho e de amor, saudade e confiança de todos os dias, sou o filho que lhes pede a bênção e que lhes beija as mãos com muita ternura e reconhecimento.

Itamar

Carta à minha Mãe

HOJE, mamãe, eu não te escrevo daquele gabinete cheio de livros sábios, onde o teu filho, pobre e enfêrmo, via passar os espectros dos enigmas humanos junto da lâmpada que, aos poucos, lhe devorava os olhos, no silêncio da noite.

A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem paupérrimo que trabalhou o dia inteiro, buscando o pão amargo e quotidiano dos que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tósca à guisa de mesa e as paredes que me rodeiam são nuas e tristes como aquelas de nossa casa desconfortável em Pedra do Sal. O telhado sem fôrro deixa passar a ventania lamentosa da noite e dêste remanso humilde onde a pobreza se esconde, exausta e desalentada, eu te escrevo sem insônias e sem fadigas para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer à mais nobre das mães.

Queria voltar ao mundo que eu deixei para ser novamente teu filho, desejando fazer-me um menino, aprendendo a rezar com o teu espírito santificado nos sofrimentos.

A saudade do teu afeto leva-me constantemente a essa Parnaíba das nossas recordações, cujas ruas arenosas, saturadas do vento salitroso do mar, sensibilizam a minha personalidade, e, dentro do crepúscu-

lo estrelado de tua velhice, cheia de crença e de esperança vou contigo, em espírito, nos retrospectos prodigiosos da imaginação, aos nossos tempos distantes. Vejo-te com os teus vestidos modestos em nossa casa da Miritiba, suportando com serenidade e devotamento os caprichos alegres de meu pai. Depois, faço a recapitulação dos teus dias de viuvez dolorosa junto da máquina de costura e do teu "têrço" de orações, sacrificando a mocidade e a saúde pelos filhos, chorando com eles a orfandade que o destino lhe reservara e junto da figura gorda e risonha da Midoça ajoelho-me aos teus pés e repito.

— Meu Senhor Jesus Cristo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levai-me dêste mundo, dando-me uma boa morte.

Muitas vêzes, o destino te fêz crer que partirias antes daqueles que havias nutrido com o beijo das tuas carícias, demandando os mundos ermos e frios da Morte. Mas partimos e tu ficaste. Ficaste no cadinho doloroso da Saudade, prolongando a esperança numa vida melhor no seio imenso da eternidade. E o culto dos filhos é o consôlo suave do teu coração. Acariciando os teus netos, guardas com desvêlo o meu cajueiro que aí ficou como um símbolo, plantado no coração da terra parnaibana; carinhosamente, colhes das suas castanhas e das suas fôlhas fartas e verdes, para que as almas boas conservem uma lembrança do teu filho, arrebatado no turbilhão da Dor e da Morte.

Ao Mirocles, mamãe, que providenciou quanto ao destino dêsse irmão que aí deixei, enfeitado de flôres e passarinhos, estuante de seiva na carne moça da terra, pedi velasse pelos teus dias de isolamento e velhice, substituindo-me junto do teu coração. Todos os nossos te estendem as suas mãos bondosas e amigas e é assombrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho escrito para

quantos me possam compreender. Sensibilizam-me as tuas lágrimas, quando passas os olhos cansados sobre as minhas páginas póstumas e procuro dissipar as dúvidas que torturam o teu coração, combalido nas lutas. Assalta-me o desejo de me encontrares, tocando-me com a generosa ternura de tuas mãos, lamentando as tuas vacilações e os teus escrúpulos, temendo aceitar as verdades espíritas em detrimento da fé católica que te vem sustentando nas provações. Mas não é preciso, mamãe, que me procures nas organizações espiritistas e para creres na sobrevivência do teu filho não é necessário que abandones os princípios da tua fé. Já não há mais tempo para que o teu espírito excursione em experiências no caminho vasto das filosofias religiosas.

Numa de suas páginas, dizia Coelho Neto que as religiões são como as linguagens. Cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de sua súplica ou de sua adoração. Muitas mentalidades entregam-se aí no mundo aos trabalhos da discussão. Chega porém um dia em que o homem acha melhor repousar na fé a que se habituou, nas suas meditações e nas suas lutas. Esse dia, mamãe, é o que estás vivendo, refugiada no conforto triste das lágrimas e das recordações. Ascendendo às culminâncias do teu Calvário de saudade e de angústia, fixas os teus olhos na celeste expressão do Crucificado e Jesus que é a providência misericordiosa de todos os desamparados e de todos os tristes, te fala ao coração dos vinhos suaves e doces de Caná, que se metamorfosearam no vinagre amargoso dos martírios e das palmas verdes de Jerusalém, e, em seguida, na pesada coroa de espinhos. A cruz então se te afigura mais leve e caminhas. Amigos devotados e carinhosos te enviam de longe o terno consolo dos seus afetos e prosseguindo no teu culto de amor aos filhos distantes, esperas que o Senhor com as suas mãos pres-

tigiosas, venha decifrar para os teus olhos os grandes mistérios da Vida.

Esperar e sofrer têm sido os dois grandes motivos em torno dos quais rodopiaram os teus quase setenta e cinco anos de provações, de viuvez e de orfandade. Inquirido certa vez pelo grande Luís Gama sobre as necessidades de sua alforria, um jovem escravo lhe observou:

“Não, meu senhor!... a liberdade que me oferece me doeria mais que o ferrêta da escravidão, porque minha mãe, cansada e decrépita, ficaria sòzinha nos martírios do cativo”.

Se Deus me perguntasse, mamãe, sobre os imperativos da minha emancipação espiritual, eu teria preferido ficar aí, não obstante a claridade apagada e triste dos meus olhos e a hipertrofia que me transformava num monstro, para levar-te o meu carinho e a minha afeição, até que pudéssemos partir juntos, dêse mundo onde sonhamos tudo para nada alcançar.

Mas se a Morte parte os grilhões frágeis do corpo, é impotente para dissolver as algemas inquebrantáveis do espírito.

Deixa que o teu coração prossiga, oficiando no altar da saudade e da oração; cántaro divino e santificado, Deus colocará dentro dêle o mel abençoado da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das sombras, eu virei, de mãos entrelaçadas com Midoca, retrocedendo no tempo para nos transformarmos em tuas crianças bem-amadas. Seremos agasalhados então nos teus braços cariciosos como dois passarinhos minúsculos, ansiosos da doçura quente e doce das asas de sua mãe e guardaremos as nossas lágrimas nos cofres de Deus onde elas se cristalizam como as moedas fulgurantes e eternas do erário de todos os infelizes e desafortunados do mundo.

Tuas mãos segurarão ainda o “têrço” das preces

inesquecíveis e nos ensinarás, de joelhos, a implorar,
de mãos postas, as bênçãos prestigiosas do Céu. E
enquanto os teus lábios sussurrarem de mansinho —
“Salve, Rainha... mãe de misericórdia...”, começa-
remos juntos a viagem ditosa do Infinito sôbre o dos-
sel luminoso das nuvens claras, tênues e alegres do
Amor.

Humberto de Campos

Avivamento moral

*O mundo será feliz
Quando a mulher, sem receio,
Abrir a porta da casa
Aos orfãos do lar alheio.*

Irene Souza Pinto

Oração à Mulher

MISSIONÁRIA da vida,
ampara o homem para que o homem te ampare.
Não te conspurques no prazer, nem te mergu-
lhes no vício.

A felicidade na Terra depende de ti, como o
fruto depende da árvore.

Mãe, sê o anjo do lar.

Espôsa, auxilia sempre.

Companheira, acende o lume da esperança.

Irmã, sacrifica-te e ajuda.

Mestra, orienta o caminho.

Enfermeira, compadece-te.

Fonte sublime, se as feras do mal te poluíram as
águas, imita a corrente cristalina que no serviço in-
fatigável a todos, expulsa do próprio seio a lama que
lhe atiram.

Por mais que te aflija a dificuldade, não te con-
fies à tristeza ou ao desânimo.

Lembra os órfãos, os doentes, os velhos e os des-
validos da estrada que esperam por teus braços e
sorri com serenidade para a luta.

Deixa que o trabalho tanja as cordas ceistes
do teu sentimento para que não falte a música da

harmonia aos pedregosos trilhos da existência ter-
restre.

Teu coração é uma estrêla encarcerada.

Não lhes apagues a luz para que o amor resplan-
deça sôbre as trevas.

Eleva-te, elevando-nos.

Não te esqueças de que trazes nas mãos a cha-
ve da vida, porque a chave da vida é a glória de
Deus.

Meimei

Mãe, fita o céu



ONTEMPLA, Mãe, o Lar que se constela
De esperança, de paz e de beleza,
Na sublime amplidão, na Luz Acesa
Da imensidade azul, estranha e bela!...

Anjo na cruz de espinhos da tristeza,
Vence o frio da dor que te enregela
E ergue os olhos, acima da procela,
Da amargura, da sombra e da incerteza...

Além da angústia que te aflige os passos,
Verás teus filhos nos Divinos Braços,
No milagre da fé serena e forte!...

E sentirás, enfim, ditosa e crente,
Que teus filhos te buscam docemente,
Estendendo-te as mãos, além da morte!...

Vallado Rosas

Essas outras crianças



UANDO abraçares teu filho, no conforto do-
méstico, fita essas outras crianças que jorna-
deiam sem lar.

* * *

Dispões de alimento abundante para que teu
filho se mantenha em linha de robustez.

* * *

Essas outras crianças, porém, caminham des-
norteadas, aguardando os restos da mesa que lhes
atiras, com displicência, findo o repasto.

* * *

Escolhes a roupa nobre e limpa de que teu fi-
lho se vestirá, conforme a estação.

Todavia, essas outras crianças tremem de frio,
recobertas de andrajos.

* * *

Defendes teu filho, contra a intempérie, sob
teto acolhedor, sustentando-o à feição de jóia no es-
crínio.

* * *

Contudo, essas outras crianças cochilam estre-
munhadas, na via pública, quando não se distendem
no espaço asfíxiante do esgôto.

Abres ao olhar deslumbrado de teu filho os tesouros da escola.

E essas outras crianças suspiram debalde pela luz do alfabeto, acabando, muita vez, encerradas no cubículo das prisões, à face da ignorância que lhes cega a existência.

* * *

Conduzes teu filho a exame de pediatras distintos, sempre que entremostre leve dor de cabeça.

* * *

Entretanto, essas outras crianças, minadas por moléstias atrozes, agonizam em Leitos de pedra, sem que mão amiga as socorra.

* * *

Ofereces aos sentidos de teu filho a festa permanente das sugestões felizes, através da educação incessante.

* * *

No entanto, essas outras crianças guardam olhos e ouvidos quase sempre sintonizados no lodo abismal das trevas.

* * *

Afaga, assim, teu filho no trono familiar, mas desce ao pátio da provação onde essas outras crianças se agitam em sombra ou desespero e ajuda-as, quanto possas!

* * *

Quem serve no amor do Cristo sabe que a boa palavra e o gesto de carinho, o pedaço de pão e a peça de vestuário, o frasco de remédio e a xícara de leite operam maravilhas.

* * *

Proclamas, a cada passo, que esperas, confian-

te, o esplendor do futuro, mas, enquanto essas outras crianças chorarem desamparadas, clamaremos em vão pelo mundo melhor.

Emmânuel

Lei de amor

RUA!... Rua, infeliz que me ensombraste o nome!...
Clama o pai, a rugir para a filha que implora:
— “Não me expulses, meu pai!... Temo a noite lá
fora!...”

E êle mostra o punhal na fúria que o consome.

Voa o tempo a rolar, sem que a vida o retome...
Êle, desencarnado, ansioso e triste agora,
Traz à filha exilada o coração que chora,
Espírito a sofrer, em sêde, chaga e fome.

Ela sente-lhe a dor, através da lembrança,
E dá-lhe um corpo novo, ante a luz que o descansa
Nos fios da oração, em celeste rastilho!...

E, mais tarde, no lar que os apascenta e acalma,
Êle diz. “Minha mãe, doce mãe de minh alma!...”
E ela diz a cantar: “Deus te abençoe, meu filho!...”

Narcisa Amália de Campos

Sabes disso

ESSAS doces crianças que observas, com subli-
me enternecimento, são teus filhos, pérolas de
luz, cujo escrínio geraste no coração, muitas
vêzes coagulando as próprias lágrimas.

Tomaste algo de teu sangue e amassaste-o com
o hálito de teu hálito adicionaste os melhores sonhos
e os mais límpidos ideais e formaste semelhantes ma-
ravilhas que te nasceram por esperanças em flor.

Sentindo-as por aves frágeis, à busca de asilo
em teu peito, sabes acolher-lhes as necessidades, no
carinho incessante.

Dias de laborioso cuidado, preservando-lhes a
existência.

Noites de dolorosa vigília, quando a enfermida-
de aparece.

Alimento, agasalho, escola, responsabilidades e
inquietações...

Entretanto, mais tarde, nunca te lembrarás de
cobrar-lhes impostos de reconhecimento ou exigir se
convertam em fantoches de teus caprichos.

Ver-lhes a honradez e o trabalho, o passo reto e
a independência construtiva representa, em verdade,
todo o triunfo que ambicionas.

E, um dia, passado longo tempo sôbre a tua

renúncia, se essas crianças, transfiguradas em pessoas adultas, caem sob terríveis enganos, na conquista da experiência, sabes esquecer as rugas de dor e refazer os ossos desconjuntados... Sabes começar a luta de nôvo para ajudar os rebentos da própria vida a se transferirem das dívidas de aflição para os júbilos do resgate... E a todos os que te reprovam o devotamento e a fadiga, censurando-te a persistência no sacrifício, saber responder, na mesma reserva de confiança e ternura, com alegria misturada de pranto: "são meus filhos".

Isso acontece no lar terreno, onde as criaturas humanas, embora imperfeitas, não se resignam a ferretar os próprios filhos com o estigma de escravos...

Imagina, pois, a longanimidade do amor que vibra e reina, infinito, no Lar Divino da Criação!...

Emmanuel

Cólera e nós

NÃO farias explodir uma bomba dentro de casa, comprometendo a vida daqueles que mais amas, no entanto, por vêzes, não vacilamos em detonar a dinamite da cólera, aniquilando as energias dos companheiros que nos trazem apôio e cooperação.

Nesse sentido, vale destacar que cada um de nós desempenha papel determinado na construção do benefício comum; e se contamos, na execução dos nossos deveres, com amigos abnegados, capazes do mais alto sacrifício em nosso favor, temos, ainda, nas linhas da existência, aqueles espíritos que se erigem à condição de nossos credores, com os quais ainda não nos quitamos, de todo, no terreno das contas pessoais, transferidas à contabilidade de hoje pelo saldo devedor de passadas reencarnações. Ocultos na invisibilidade, por efeito da diferença vibratória no estado específico da matéria sutil em que se localizam, quando desencarnados, ou mesmo revestidos na armadura de carne e osso, no plano físico, êles se instalam na sombra da antipatia sistemática ou da perseguição gratuita, experimentando-nos com persistência admirável os propósitos e testemunhos de melhoria interior.

É assim que vamos vencendo em exames diver-

sos, opondo valores morais entesourados na alma ao assédio das provas, como sejam paciência na adversidade, resistência na dor, fé nos instantes de incerteza e generosidade perante as múltiplas solicitações do caminho... Chega, porém, o dia em que somos intimados ao teste da dignidade pessoal. Seja pelo dardo do insulto ou pelo espinho da desconsideração, somos alvejados no amor próprio, e, se não dispomos suficientemente de humildade e compaixão, eis que a altivez ferida se assemelha em nós ao estopim afogueado de que a cólera irrompe em fuzilaria de pensamentos descontrolados, arruinando-nos preciosas edificações espirituais do presente e do futuro.

Estejamos alertas contra semelhante poder fulminativo, orando e abençoando, servindo e desculpendo, esquecendo o mal e restaurando o bem.

Decerto, nem sempre a doçura pode ser a marca de nosso verbo ou de nossa atitude, porquanto, momentos surgem nos quais o bem geral reclama a governança da providência rija ou da frase salgada de advertência, mas, é preciso não olvidar que a cólera a nada remedeia, em tempo algum, e que, além de tudo, ela estabelece fácil ganho de causa a todos aqueles que, por força de nossa evolução deficitária, ainda se nos alinham, nas trilhas da existência, à conta de nossos inimigos obsessores.

Emmanuel

Cartas às Mães

MINHA irmã, se Deus te deu
A luz da maternidade,
Deu-te a tarefa divina
Da renúncia e da bondade

Busca imitar no caminho
A Rosa de Nazaré,
Irradiando o perfume
De amor, de humildade e fé.

Lembra sempre em tua estrada
Que a paz de tua missão
É feita dessa ternura
Que nasce do coração.

Contempla em cada filhinho
Um luminoso sorriso
Da alegria dolorosa
Que te leva ao paraíso.

Porque, ser mãe, minha irmã,
É ser prazer sobre as dores,
É ser luz, embora a estrada
Tenha sombras e amarguras.

Ser mãe é ser a energia
Que domina os escarcéus,
É ser nas mágoas da Terra
Um sacrifício dos céus.

Pensa nisso e não duvides
Da grande misericórdia
Que te deu na senda escura
A lâmpada da concórdia.

Ouve ainda. Tem cuidado
Com o teu próprio coração.
Não deixes que se transforme
O teu amor em paixão.

Muita vez, a mãe terrestre
Em vez de salvar, condena,
Porque do amor que redime
Faz a paixão que envenena.

Há muitas mães nos Espaços
Chorando na desventura
Os perigosos desvios
De sua imensa ternura.

Ama o filho de outra mãe
Qual se fôra teu também
E estarás santificando
Teu lar nas luzes do Bem.

Castiga amando o teu filho
Em teu carinho profundo.
Prefere o teu próprio ensino
As tristes lições do mundo.

Recorda que está contigo
A missão de renovar,
De corrigir perdoando,
De esclarecer e ensinar.

Nos teus exemplos repousa
A esperança do Senhor,
Que há de salvar êste mundo
Por meio de teu amor.

Casimiro Cunha

Carta aos cônjuges

MEUS irmãos, o matrimônio
É um instituto divino,
Onde o trabalho em comum
É luz de amor e de ensino.

O lar é um templo sagrado
De vida superior,
Onde começa no mundo
A lei sublime do amor.

Tôda a harmonia terrestre,
Em circunstâncias quaisquer,
Tem seu início sagrado
No marido e na mulher.

São ambos um corpo só,
Em doce consagração.
Se o homem é a cabeça,
A mulher é o coração.

Cada um no seu lugar,
São iguais pelo dever
No santo esforço que as mãos
Nunca cessam de fazer.

Sem a máxima união
Na intimidade do lar,
Esse corpo transcendente
Não consegue funcionar,

Porventura, já se viu
Coração sôbre a cabeça.
Ou ambos em separado,
Funcionando em vida avêssa ?...

Se a mulher é sentimento,
Se o homem é luta e ação,
Devem ambos ser unidos
No plano da educação.

Para que um lar seja o pouso
Do carinho e da esperança
Jamais se esqueça o regime
Do amor e da confiança.

Harmonia em tôda a casa
Faz da vida um campo em flor.
Ciúme é a erva daninha
Que mata as rosas do amor.

Intriga e relaxamento
São trevas e calamidade,
Trazendo consigo o atrito
Que queima a felicidade.

Se há lutas pelo caminho,
A ventura dos casais
Consiste em reconhecer
Que o perdão nunca é demais

Quem recebeu a missão
Dêse instituto de amor
Tem solenes compromissos
Perante as leis do Senhor.

Façam, pois, do lar terrestre
A estrada de salvação,
Onde Jesus plante as flôres
De vida e de redenção.

Casimiro Cunha

No lar

NÃO olvides que teu filho, sendo a materialização de teu sonho, é também tua obra na Terra.

Às vezes é um lírio que plantaste no tempo; contudo, na maioria das ocasiões, é um fragmento de mármore que deixaste a distância.

Flor que te pode encorajar ou pedra que te pode ferir.

Recebe-o, pois, como quem encontra a oportunidade mais santa de trabalho no mundo.

Não lhe abandones o espírito à liberdade absoluta, para que se não perca ao longo da estrada, e nem cometas a loucura de encarcerá-lo em teus pontos-de-vista, para que o teu exclusivismo não lhe desfigure as qualidades inatas para o infinito bem.

Ajuda-o, acima de tudo, a crescer para o ideal superior, assim como auxílias a árvore nascente, em ímpeto ascensional para a luz.

Livra-o das deformidades mentais, tanto quanto protejes o vegetal proveitoso contra a invasão da erva sufocante.

Ser pai é ser colaborador efetivo de Deus, na Criação.

Receber um filho é deter entre os homens o mais sagrado depósito.

Não desertes, assim, da abnegação em que deves empenhar todas as forças peculiares à própria vida, a fim de que o rebento de tuas aspirações humanas se faça legítimo sucessor dos teus mais íntimos anseios de elevação.

O lar, na Terra, ainda é o ponto de convergência do passado. Dentro dêle, entre as quatro paredes que lhe constituem a expressão no espaço, recebemos todos os serviços que o tempo nos impõe, habilitando-nos ao título de cidadãos do mundo.

Exercitemos, dêsse modo, o amor e o serviço, a humanidade e o devotamento, no templo familiar, à frente de nossos amigos ou adversários do pretérito transformados hoje em nossos parentes ou em nossos filhos, e estaremos alcançando nos problemas da eternidade a mais alta e a mais sublime equação.

Emmanuel

Coração maternal

MÃE, que te recolhes no lar atendendo à Divina Vontade, não fujas à renúncia que o mundo te reclama ao coração.

Recebeste no templo familiar o sublime mandato da vida.

Muitas vezes, ergues-te cada manhã, com o suor do trabalho, e confias-te à noite, lendo a página branca das lágrimas que te manam da alma ferida.

Quase sempre, a tua voz passa desprezada, como vazio rumor, no alarido das discussões domésticas, e as tuas mãos diligentes servem, com sacrifício, sem que ninguém lhes assinale o cansaço...

Lá fora, os homens guerreiam entre si, disputando a posse efêmera do ouro ou da fama, da evidência ou da autoridade... Além, a mocidade, em muitas ocasiões, grita festivamente, buscando o mentiroso prazer do momento rápido...

Enquanto isso, meditas e esperas, na solidão da prece com que te elevas ao Alto, rogando a felicidade daqueles de quem te fizeste o gênio guardião.

Quando o santo sobe às eminências do altar, ninguém te vê nas amarguras da base, e quando o herói, passa, na rua, coroadado de louros, ninguém se lembra de ti, na retaguarda de aflição.

Deste tudo e tudo ofereceste; entretanto, raros

se recordam de que teus olhos jazem nevoados de pranto e de que padeces angustiosa fome de compreensão e carinho.

No entanto, continuas amando e ajudando, perdando e servindo...

Se a ingratidão te relega à sombra na Terra, o Criador de tua milagrosa abnegação vela por ti, dos Céus, através do olhar cintilante de milhões de estrêlas.

Lembra-te de que Deus, a fonte de todo o amor e de toda a sabedoria, é também o Grande Anônimo e o Grande Esquecido entre as criaturas.

Tudo passa no mundo...

Ajuda e espera sempre.

Dia virá em que o Senhor, convertendo os braços da Cruz de teus padecimentos em grandes asas de luz, transformará tua alma em astro divino a iluminar para sempre a rota daqueles que te propuseste socorrer.

Meimei

Teu filho



BSERVA a flor tenra que desabrocha no jardim de teu lar...

Espírito extasiado, exclamas ante o hóspede frágil que te pede refúgio ao coração:

— Meu filho! Meu filho!

E sentes o suave mistério do amor que te renova as forças para o trabalho, enriquecendo-te a alma, com que nêles estamparás teus próprios ideais e teus próprios impulsos, plasmando-lhe o nôvo modo de ser.

Dessa criaturinha leve e doce que ainda não fala, recolhes poemas inarticulados de esperança e ternura...

Dêsse anjo nascituro que ainda não caminha, recebes sugestões silenciosas de coragem para marchar com destemor, dentro da luta em que te refazes para a Vida Maior...

Bênçãos intangíveis do Céu te coroam a fronte e aprendes a suportar com heroísmo, o cálice de fel que o mundo te apresenta e a cultivar a humildade que te faz mais humano e melhor à frente dos semelhantes...

Contudo, não te esqueças, ao som dessa música renovadora, que teu filho será amanhã teu retrato e que nêles estamparás teus próprios ideais e teus próprios impulsos plasmando-lhe o nôvo modo de ser.

Sem dúvida, não é um estrangeiro em tua casa, nem um desconhecido ao teu afeto...

É alguém que chega de longe, como acontece a ti mesmo...

Alguém que te comungou as experiências do passado e que se liga ao teu caminho pelos laços luminosos do amor ou pelas duras algemas da aversão.

Recebe-o, assim, com doçura e reconhecimento, mas não olvides o dever de armá-lo com elevação espiritual necessária ao combate que, amanhã, lhe cabe ferir...

Ajuda-o, equilibra-o e ampara-o com o trabalho digno e com o estudo edificante.

Ama-o e educa-o, oferecendo-lhe o melhor de tua alma, porque, cumpridas as tuas obrigações no lar, ainda mesmo que teu filho não te possa compreender a nobreza do sacrifício e a excelsitude da abnegação, receberás do Eterno Senhor, Nosso Pai Celestial, a bênção da alegria e da paz, de vez que, diante d'Ele, todos somos filhos e tutelados também.

Emmanuel

Crianças doentes



CALENTAS nos braços o filhinho robusto que o lar te trouxe e, com razão, te orgulhas dessa pérola viva. Os dedos lembram flôres desabrochando, os olhos trazem fulgurações dos astros, os cabelos recordam estrigas de luz e a boca assemelha-se à concha nacarada, em que os teus beijos de ternura desfalecem de amor.

Guarda-o, de encontro ao peito, por tesouro celeste, mas estende compassivas mãos aos pequeninos enfermos que chegam à Terra, como lírios apedrejados pelo granizo do sofrimento.

Para muitos dêles, o dia claro inda vem muito longe...

São aves cegas que não conhecem o próprio ninho, pássaros mutilados, esmolando socorro em recantos sombrios da floresta do mundo!... Às vezes, parecem anjos pregados na cruz dos ossos paralíticos ou mostram no olhar a profunda tristeza da mente anuviada de densas trevas.

Há quem diga que devem ser exterminados para que os homens não se inquietem, contudo, Deus, que é a Bondade Perfeita, nô-los confia hoje, para que a vida, amanhã, se levante mais bela.

Diante, pois, do teu filhinho, quinhoadado de conforto, pensa nêles!... São nossos outros filhos

do coração, que volvem das existências passadas, mendigando entendimento e carinho, a fim de que se desfaçam dos débitos contraídos consigo mesmos...

Entretanto, não lhes aguardes rogativas de compaixão, de vez que, por agora, sabem tão sòmente padecer e chorar.

Enternece-te e auxilia-os, quanto possas!...

E, cada vez que lhes ofertes a hora de assistência ou a migalha de serviço, o leito agasalhante ou a lata de leite, a peça de roupa ou a carícia do talco, perceberás que o júbilo do Bem Eterno te envolve a alma no perfume da gratidão e na melodia da bênção.

Meimei

As filhas da terra

DO Seu Trono de luzes e de rosas,
A Rainha dos Anjos, meiga e pura,
Estende os braços para a desventura,
Que campeia nas sendas espinhosas.

Ela conhece as lágrimas penosas
E recebe a oração da alma insegura,
Inundando de amor e de ternura
As feridas cruéis e dolorosas.

Filhas da Terra, mães, irmãs, espôsas,
No turbilhão dos homens e das coisas,
Imitai-A na dor do vosso trilha!...

Não conserveis do mundo o brilho e as
palmas
E encontrareis, em vossas próprias almas,
A alegria do reino de Seu Filho!

Bittencourt Sampaio

Consciência e consequência

*Devemos interpretar
Tôda mulher ao relento
Como sendo nossa mãe
Vagando no sofrimento.*

Vivita Cartier

Provação materna

CRITAVA a nobre anciã, em rêde morna e languê:
— Bate, meu filho!... Zurze o chicote a preceito!...
Um servo é igual ao boi que nasceu para o eito...
E o filho, Dom Muniz, deixava o servo em sangue.

Dos salões da fazenda ao derradeiro mangue,
Esculpira a fidalga um carrasco perfeito.
Mas vem a morte, um dia, e leva o filho eleito,
A matrona pranteia e larga o corpo exangue...

No além, cai Dom Muniz em abismo sem prova!...
Aflita, a pobre mãe pede a Deus vida nova,
Quer guardá-lo, outra vez, numa estrada sem brilho...

Hoje mulher sem lar, definha, a pouco e pouco,
E, aos duros repelões de um jovem cego e louco,
Roga, em pranto de amor: "Não me batas, meu filho!..."

Valentim Magalhães

Santa maternidade

(Preito de amizade a dois companheiros do pretérito, atualmente reencarnados em provação regenerativa.)

RECORDO, castelã!... O narciso trescala
Do teu colo a fulgir de jóias soberanas...
Alguém morre na festa... E, soberba, te ufanas
Do jovem que impeliste ao suídio na sala.

Tempos correram, presto... Entre humildes choupanas
Trazes agora ao peito um filhinho sem fala,
Mutilado ao nascer, flor que se despetala,
No trato de aflição da prova em que te fanas...

Restauras, padecente, a vítima de outrora,
Ontem, transviada e ré, hoje, mãe que ama e chora!...
Salve a reencarnação, passaporte ao futuro!

Mãe, agradece a dor!... No porvir que vem perto,
Brilharás como estrêla, ante o filho liberto,
E alcançarás, ditosa, o reino do amor puro!...

Epiphanio Leite

Solução maternal

PERDOA-ME a loucura, pobre filha,
Entreguei-te ao salão, inerte criança,
E ao dizer-te: — “Repousa, folga e dança”,
Envolvi-te em meu lôgro, de partilha...

Contemplo-te a bailar... O palco brilha...
És volúpia, beleza, intemperança...
Escuto em prece o aplauso que te alcança
E lamento a vitória que te humilha...

Ah! minha triste pérola perdida,
Novamente daria sonho e vida
Para furtar-te ao fogo em que te abrasas!

Mas tudo agora é a mágoa que me entrega
À imensa dor de ver-te rica e cega,
Mariposa queimando as próprias asas!...

Andradina de Oliveira

Saudade vazia

DESDE muito chorava o belo filho morto,
Num desastre de mar em suntuoso falucro...
Triste, a fidalga anciã vivia em pranto e luxo,
No esplêndido solar ao pé de velho pôrto...

Certo dia, a criada, em rijo desconforto,
Dá-lhe um pobre enjeitado, um magro pequerrucho,
Ela clama: "Não, quero! Isto é morcego e brucho,
Tem na face de monstro o nariz feio e torto!...

E a dama solitária, em angústia insofrida,
Atravessou a morte e acordou noutra vida,
Buscando, ansiosa e rude, a afeição do passado

Debalde soluçou, na lição do destino...
Ao desprezar na Terra o infeliz pequenino
Recusara, orgulhosa, o filho reencarnado.

Jorge Faleiros

O genro-neto

NÔDA sogra que há na vida,
No caminho meu ou teu,
Será sempre mãe querida
Outra mãe que o Céu nos deu

Deus recomenda isso em paz,
Se hoje estás na oposição.
Mais tarde, concordarás
Na lei da reencarnação.

Guarda esta simples verdade
Das lições de mais valor
Deus criou a Humanidade
Para a vitória do amor

Se não crês no que te digo,
Se estimas lutas no lar,
Escuta, meu caro amigo,
A história que vou contar:

"Sogra, não! Nem à custa de madraca!"
— Gritava Nhô Tatão de Albergaria —
"Só de encontrar Nhá Bela, tenho azia,
O que sinto se vejo jararaca."

Se a sogra vinha em casa, discutia,
Xingava o perdigueiro, punha a faca...
Mas, certa vez, Tatão, caçando paca,
Teve ataque e morreu no mesmo dia!...

Desencarnado, em trevas, quis mais prova
E renasceu da espôsa, moça nova,
Em novo lar no Sítio da Cancela...

Hoje, só quer vovó, o dia inteiro,
É um menino gorducho e beijoqueiro,
No colo carinhoso da Nhá Bela...

Cornélio Pires

Maria Boneca

(Versos dedicados à dama feudal que abraçamos por devotada amiga, há três séculos, e que hoje expia, na via pública, sob a alcunha de Maria Boneca, o delito de existência de irresponsabilidades e prazer.)

REENCONTREI-TE, por fim, esmolando na rua.
Nada recorda em ti a dama do castelo,
Lembro-me!... Dás à fossa o filho louro e belo,
Do jovem que impeliste ao suicídio na sala.

Depois, a morte vem... A memória recua...
Escutas em ti mesma o trágico líbello.
Choras, nascas de nôvo e trazes por flagelo
A sede de ser mãe que a demência acentúa!...

Como dói ver-te agora os tristes olhos baços!
Guardas, louca de amor, uma boneca nos braços,
Em tórno, há quem te apupe a trilha merencória...

Mas bendizes, senhora, a lei piedosa e austera,
Alguém vela por ti: o filho te espera
E há-de levar-te aos Céus em cânticos de glória!...

Epiphanio Leite

Seara de ódio

NÃO! não te quero em meus braços! — dizia a jovem mãe, a quem a Lei do Senhor conferira a doce missão da maternidade, para o filho que lhe desabrochava no seio — não me furtarás a beleza! Significas trabalho, renúnciação, sofrimento...

— Mãe, deixa-me viver!... — suplicava-lhe a criancinha no santuário da consciência — estamos juntos! Dá-me a bênção do corpo! Devo lutar e regenerar-me. Sorverei contigo a taça do suor e lágrimas, procurando redimir-me... Completar-nos-emos. Dá-me arrimo, dar-te-ei alegria. Serei o rebento de teu amor, tanto quanto serás para mim a árvore de luz, em cujos ramos tecerei o meu ninho de paz e de esperança...

— Não, não...

— Não me abandones!

— Expulsar-te-ei.

— Piedade, mãe! Não vês que procedemos de longe, alma com alma, coração a coração?

— Que importa o passado? Vejo em ti tão somente o intruso, cuja presença não pedi.

— Esqueces-te, mãe, de que Deus nos reúne? Não me cerres a porta!

— Sou mulher e sou livre. Sufocar-te-ei antes do berço...

— Compadece-te de mim!...

— Não posso. Sou mocidade e prazer, és perturbação e obstáculo.

— Ajuda-me!

— Auxiliar-te seria cortar em minha própria carne. Disputo a minha felicidade e a minha leveza feminil...

— Mãe, ampara-me! Procuro o serviço de minha restauração...

Dia a dia, renovava-se o diálogo sem palavras, até que, quando a criança tentava vir à luz, disse-lhe a mãezinha cega e infortunada, constrangendo-a a beber o fel da frustração:

— Torna à sombra de onde vens! Morre! Morre!

— Mãe, mãe! Não me mates! Protege-me! Deixa-me viver...

— Nunca!

— Socorre-me!

— Não posso!

Duramente repellido, caiu o pobre filho nas trevas da revolta e, no anseio desesperado de preservar o corpo tenro, agarrou-se ao coração dela, que destrambelhou à maneira de um relógio desconcertado.

Ambos, então, ao invés de continuarem na graça da vida, precipitaram-se no despenhadeiro da morte.

Desprovidos do invólucro carnal, projetaram-se no Espaço, gritando acusações recíprocas.

Achavam-se, porém imanados um ao outro, pelas cadeias magnéticas de pesados compromissos, arrastando-se por muito tempo, detestando-se e recriminando-se mutuamente...

A sementeira de crueldade atraíra a seara de ódio. E a seara de ódio lhes impunha nefasto desequilíbrio.

Anos e anos desdobraram-se, sombrios e inquietos

tantes para os dois, até que, um dia, caridoso espírito de mulher recordou-se deles em preces de carinhos e piedade, como a ofertar-lhes o próprio seio. Ambos responderam, famintos de consolo e renovação, aceitando o generoso abrigo...

Envolvidos pela carícia maternal, repousaram enfim.

Brando sono pacificou-lhes a mente dolorida.

Todavia, quando despertaram de nôvo na Terra, traziam o estigma do clamoroso débito em que se haviam reunido, reaparecendo, entre os homens, como duas almas apaixonadas pela carne, disputando o mesmo vaso físico, no triste fenômeno de um corpo único, sustentando duas cabeças.

Irmãos X

Confidências de Mãe

DEI-TE um berço de rendas e de flôres,
Adorei-te por nume excelso e amigo
E inclinei-te, meu filho, a ser comigo
Soberano de sonhos tentadores.

Entreguei-te mentiras por louvores
— “Não te curves nem sirvas, onde fôres...”
E enganosa fortuna por abrigo.
Ordenava, no orgulho que maldigo:

Hoje, de alma surpresa, torno a casa;
Tremo ao ver-te no luxo que te arrasa,
Como quem dorme em trágico veneno!

E choro, filho meu, choro vencida,
Por guardar-te entre os grandes tôda a vida,
Sem jamais ensinar-te a ser pequeno.

Andradina de Oliveira

Mãe sòzinha

DIZEM “mulher da Alegria”,
Quando ela passa na rua;
A pobre mãe continua,
Os olhos fitos no chão!...
Quanto fel, quanta agonia
Nessa mulher que condenas!...
Ninguém lhe conhece as penas
Cravadas no coração.

Tristeza no desconforto,
Sem palavra que a revele,
Trapos dourados na pele,
Traz angústia por dever.
Viúva de um vivo morto,
Ei-la que segue sòzinha,
Tem ao longe, a pobrezinha
Um filho quase a morrer.

Já bateu a tanta porta,
Já pediu a tanta gente!...
Doi-lhe a ferida pungente
De ter sido mãe sem lar;
Abatida, semi-morta,
Apenas vê no caminho
A febre e a dor do filhinho
Que a morte lhe quer roubar.

Tu que crescestes na estrada,
Desde o berço de ouro e rendas,
Entre mimos e oferendas
De paz, segurança e luz,
Fita essa mãe desolada,
Na penúria que a consome...
Talvez que ela tenha fome
Ao pêso da própria cruz.

Não lhe zombes da amargura,
Também foi criança, um dia,
Brincava, estudava e ria,
Rosa ao fulgor da manhã;
Também foi bela e foi pura,
Hoje, nas mágoas que trilha,
Podia ser nossa filha
Assim como é nossa irmã.

Mãe na dor !... Bendita seja!...
Escrava de toda hora,
Honra as lágrimas que chora,
Nas dores por onde vai!...
Sem espôso que a proteja,
Sem arrimo, sem tutela,
Encontra a Bênção de Pai.

Irene de Souza Pinto

Em casa



NINGUÉM foge à lei da reencarnação.

* * *

Ontem, atraioámos a confiança de um companheiro, induzindo-o à derrocada moral.

Hoje, guardamô-lo na condição do parente difícil, que nos pede sacrifício incessante.

* * *

Ontem, abandonámos a jovem que nos amava, inclinando-a ao mergulho na lagoa do vício.

Hoje, temô-la de volta por filha incompreensiva, necessitada do nosso amor.

* * *

Ontem, colocámos o orgulho e a vaidade no peito de um irmão que nos seguia os exemplos menos felizes.

Hoje, partilhamos com êle, à feição de espôso despótico ou de filho-problema, o cálice amargo da redenção.

Ontem, esquecemos compromissos veneráveis, arrastando alguém ao suicídio.

Hoje, reencontramos êsse mesmo alguém na pessoa de um filhinho, portador de moléstia irreversível, tutelando-lhe, à custa de lágrimas, o trabalho de reajuste.

* * *

Ontem, dilacerámos a alma sensível de pais afeituosos e devotados, sangrando-lhes o espírito, a punhaladas de ingratidão.

Hoje, moramos no espinheiro, em forma de lar, carregando fardos de angústia, a fim de aprender a plantar carinho e fidelidade.

A frente de tôda dificuldade e de tôda prova, abençoa sempre e faz o melhor que possas.

Ajuda aos que te partilham a experiência, ora pelos que te perseguem, sorri para os que te ferem e desculpa todos aquêles que te injuriam...

* * *

A humildade é chave de nossa libertação.

E, sejam quais sejam os teus obstáculos na família, é preciso reconhecer que tôda construção moral do Reino de Deus, perante o mundo, começa nos ali-cerces invisíveis da luta em casa.

Emmanuel

Questões familiares

*Mãe, abençoa teu filho,
Mesmo ingrata, rude e vão.
A luz nunca perde o brilho
Por derramar-se no chão.*

Rita Barém de Melo

Esperiências Pessoais

SUSTENTAR a campanha de esclarecimento contra a influência do mal, preservando-nos contra a criminalidade, é dever nosso.

Em nos referindo, porém, ao plano familiar, surge sempre o instante em que somos constrangidos a ver alguns dos nossos entes queridos à beira de experiências pessoais que consideramos difíceis ou dolorosas.

Nessas ocasiões, supomos perceber toda a extensão dos perigos a que se expõem e costumamos temer por eles; às vezes, caminham na direção de graves riscos que conhecemos de oitiva; noutras circunstâncias, dirigem-se para situações embaraçosas, em cujas correntes de sombra admitimos haver, noutra tempo, sofrido ou navegado.

Que fazer em lances dêsses, nos quais surpreendemos corações amados, à feição de viajores desprevenidos, escalando o monte agressivo da tentação, ameaçados por avalanches que talvez lhes arrasem as melhores possibilidades da existência?

Antes de tudo, reconheçamos que nenhuma criatura se sente feliz com as nossas intervenções indébitas, no sentido de lhes cercear a liberdade de tentar, por si mesmas, a construção da própria felicidade.

Cada um de nós é um mundo por si, porque o Criador nos dotou a cada um de características individuais inconfundíveis.

Emoções e pensamentos, tanto quanto as impressões digitais, variam de pessoa a pessoa; conseqüentemente, determinados caminhos que nos fizeram menos felizes, em outra época, serão provavelmente os mais adequados à edificação da vitória espiritual sonhada pelos entes que amamos, enquanto que certas criaturas que nos parecem menos simpáticas serão, possivelmente, as mais capazes de resolver-lhes os problemas que, talvez, sem o concurso dessas mesmas criaturas, permanecessem indefinidamente insolúveis. Por outro lado, as circunstâncias que rodeiam agora os seres que abençoamos com a nossa extremada afeição, podem não ser idênticas àquelas com que fomos defrontados, nos dias que se foram, e, muita vez, nas condições em que falimos, revelar-se-ão êles muito mais vigorosos que nós mesmos, impondo-se a ocorrências desagradáveis e criando, talvez, respeitáveis padrões de conduta para o reconforto e a segurança de muitos.

Tenhamos, assim, suficiente cautela para não ferir a independência pessoal daqueles a quem amamos, Nêles enxergando filhos de Deus, quanto nós próprios, com necessidades semelhantes às nossas, guardando o direito de construir suas vidas, segundo o preço das experiências que se proponham a pagar, no mesmo critério com que temos resgatado o custo das nossas. E sempre que os vejamos em supostos perigos, saibamos que a melhor forma de auxílio que lhes poderemos prestar será invariavelmente o amparo da oração e a bênção da boa palavra com que se sintam encorajados a trabalhar e servir, lutar e vencer com o apôio do Bem.

Emmanuel

Tarefas de amor



ANTES de examinar a nossa condição de espíritos devedores, na esfera da consangüinidade, vejamos o lar enobrecido em sua função de oficina de amor.

Para isso, é importante figurar o teu próprio sonho de felicidade para além da experiência terrestre.

Se houvesses de partir agora, ao chamado da desencarnação, decerto rogarias para teu imediato proveito o Céu do retôrno aos entes amados.

Quem não terá, enquanto na Terra, residindo para lá das fronteiras da morte, um coração materno, um pai amigo, um irmão ou um companheiro? Quem de nós não sentirá saudade de alguém, até que nos reunamos todos no doce país da União Sem Adeus? E muitos de nós, quando nos desenfaixamos do corpo denso, somos carinhosamente acolhidos pela dedicação dos que nos precederam, apesar dos desequilíbrios que demonstramos, para a devida restauração em bases de amor.

Assim também, os seres queridos do Plano Espiritual, quando necessitam do regresso ao plano físico, ansiando a conquista de paz e reajustamento, escolhem o nosso clima doméstico para as temporadas de serviço regenerativo ou reequilibrante de que se-

jam carecedores, atendendo sempre aos imperativos do amor que nos associam.

Se guardas no lar alguém que te entenece pela enfermidade ou provação que apresente, não julgues teus cuidados à conta de culpa e resgate, mas, sim, desenvolve-os por tributo de reconhecimento e carinho, em favor daquele coração faminto de harmonia consigo mesmo que te procurou a companhia, em nome do afeto milenário que a êle te junte desde outras eras.

Lembra-te de que o débito da ternura e da gratidão jamais termina.

Teu lar é um ponto bendito do Universo em que te é possível exercer tôdas as formas de abnegação a benefício dos outros e de ti mesmo, perante Deus. Pensa nisso e o amor te iluminará.

Emmanuel

Reflexões de Mãe

 coração não perde os grandes sentimentos que nos animam em toda a vida, tão somente porque a morte nos altera o caminho.

As mães continuam cada vez mais vivas, amando sempre mais os filhinhos de sua alma.

Nosso primeiro pensamento, depois da separação do corpo, é volver ao mundo e ensinar o caminho da verdade aos nossos amados que ficaram à distância.

Os obstáculos, porém, são muito grandes e, por mais que façamos, é muito difícil desfazer às dúvidas que aparecem...

De qualquer modo, no entanto, não renunciaremos à tarefa de auxiliar, embora saibamos que muitos dos nossos não nos possam aceitar as idéias renovadoras.

Não exigimos, contudo, a crença no que afirmamos.

Basta compreendermos a necessidade de servir a Deus, em favor de nós mesmos.

O imenso carinho das mães não termina no túmulo.

O coração materno encontra sempre o seu melhor sustentáculo no amor de que se alimenta.

Enquanto a Providência Divina permite, pere-

grinamos em tórno daqueles que são as flôres da nossa vida.

E penso que as lágrimas de nossa devoção caem sobre os nossos filhos, como o orvalho do Céu sobre as plantas, porque tudo fazemos por auxiliá-los e sustentá-los na missão de que se incumbem na Terra.

Num mundo qual o nosso, a harmonia não é uma luz que possa estar acesa todos os dias, mas os espinhos da esfera carnal nos ajudam a descobrir as flôres que o Céu nos destina.

Guardamos conosco, entretanto, a certeza de que Deus nos concederá sempre a paz de que necessitamos, na jornada para o Alto, e o consôlo de saber que a mão do Senhor tudo converte para o bem, com o auxílio do tempo.

Esperamos, pois, o futuro.

Maria F. de Souza

Mãe, reanima-te!

MINHA amiga, minha irmã.
Com o temporal, a natureza purifica a atmosfera.

Com o orvalho, o céu alimenta a natureza.

Também com a chuva de lágrimas, o Senhor regenera nossas almas e com o rório da oração conseguimos amenizar a secura do caminho que nos conduz ao Pai Celestial.

Inclinemo-nos à frente dos Divinos Desígnios. Nossa marcha redentora para Deus, quando subimos pela escarpa do reajuste, desdobra-se entre espinheiros e vertigens da ascensão.

Escolheste o sublime roteiro das Mães! Mãe pelo sacrifício de todos os sonhos e pela renúncia a toda a felicidade menos construtiva no mundo!

Começaste sofrendo no berço e, embora esperando a materialização do castelo de ventura arquitetado na meninice, conhecestes a bênção do matrimônio, nêlo buscando a coroa da maternidade dolorosa e santificante. Acolheste, nos braços, velhos tesouros que velaste na eternidade, sob as flôres de tuas melhores esperanças... Nos braços, acalentaste êsses companheiros do grande caminho, nutrindo-os na fonte de teu amor.

Afigurava-se-te o mundo, enquanto podias de-

tê-los de encontro ao coração sensível e generoso, um templo em que as tuas dores se glorificavam na confiança e no otimismo, na especiação e na fé viva, à frente do futuro. Entretanto, se havias sido igualmente chamada à educação dos filhos alheios, eras, para os felizes rebentos de tua ternura, não apenas Mãe pela carne, mas, também a amiga constante e a instrutora ideal.

É por isso que, hoje, a concha de teu devotamento parece esvaziar-se, torturada aos golpes da aflicção... É por esse motivo que agora, por mais fulgure a luz solar, conclamando-te à alegria, sentes o coração sepultado nas sombras do peito, à maneira de nau desmantelada e pela tormenta, a mergulhar-se sob a pesada corrente do mar revólto...

Somos, porém, uma família de muitos laços afetivos e não nos perderemos uns dos outros.

Prometemos fidelidade ao Amigo Eterno, que jamais nos desamparou, e, nas horas difíceis, entregamos as próprias mãos para o justo soerguimento...

Aquêles que nos seguem, de longe e de perto — chaves celestes de nossos destinos — não nos relegarão à fúria da tempestade. Seguem-nos com o carinho das afeições indestrutíveis, que o tempo somente consegue fortalecer e reavivar.

Teu espírito atormentado não cairá...

Em companhia de Jesus, muitas vezes, conhecemos realmente a solidão; contudo, jamais o abandonamos.

O amor inextinguível, por abençoado farol em nossa viagem, brilhará sobre os rochedos, indicando-nos o rumo certo.

Continua içando o estandarte de tua confiança em Deus, além de todos os percalços e tentações.

Achamos-nos, efetivamente, na batalha...

Batalha fora de nós e dentro de nós. Combate

que assume aspectos diferentes, cada dia, pela dor e pelas provações com que somos defrontados... Mas na vanguarda vitoriosa, temos o Mestre da Cruz que nos espera com o galardão da paz obtida, ao preço de lágrimas e suor; e, na retaguarda, possuímos benfeitores abnegados que nos suprem com todos os recursos necessários para que não venhamos a perecer.

Armados pela graça divina, prossigamos em luta... É possível que, em baixo, nos reinos inferiores de nossas velhas dívidas, vejamos nossos apetrechos terrestres reduzidos à frangalhos; é possível que não nos caiba, perante os homens ávidos de conquistas efêmeras, senão o terrível quinhão da amargura; entretanto, é sobre as ruínas fumegantes do passado que construiremos nosso luminoso futuro.

Não importa que o coração de carne padeça na forja da renovação; não faz diferença o agravo da tortura moral na Terra, desde que nosso espírito, levantado para Jesus, n'Ele espere a própria sublimação em novo dia...

Reanima-te!

Não nos faltará a Divina Misericórdia. Tudo na vida é propriedade do Todo-Poderoso... De nós mesmos, apenas dispomos da própria alma que nos compete aprimorar para a vida eterna. Edifiquemos, pois, no próprio espírito, o santuário da compreensão e da humildade, do aperfeiçoamento e do amor. E a Vontade d'Ele exteriorizar-se-á, através de nós, onde estivermos em favor de nosso próprio engrandecimento.

Emmanuel

Vigília maternal

SORVES, em lágrimas silenciosas, o cálice da amargura, ante o filho desobediente, e notas no coração que o amor e a dor palpitam juntos em paroxismos e profundezas.

Desencantada com as leves nódoas de indignidade que lhe entreviste no caráter, reparas, chorando, que êle não é mais a aparição celeste dos primeiros dias, e, ao ponderar-lhe a falência iniciante, temas a liberdade que o tempo lhe concederá na construção do destino.

Pretextando querê-lo, não te rendas à feição de praça vencida... Conquanto carregues o espinho da angústia engastado na alma, é preciso velar no posto de sentinela.

Não deformes o sentimento que te pulsa no peito.

Fortalece a própria vontade, governando-lhe os impulsos.

Ceder sempre, no fundo, é menosprezar.

Sê previdente, aparando-lhe os caprichos.

Acende a luz da prece e medita nas dores excruciantes que alcançaram também a Doce Mãe de Jesus e ergue a voz no corretivo às irreflexões e aos anseios imoderados que o visitam, se queres fazer dêle um Homem.

Dosa o sal da energia e o mel da brandura, nos condimentos da educação.

Nem liberdade desordenada, nem apêgo excessivo.

Se teu filho é tua cruz, lembra-te de que, na Terra, não há nascimento de santos. Almas em luta consigo mesmas, é compreensível vivamos todos nós, não raro, em luta uns com os outros, nos passos zigzagueantes da experiência.

Sê operosa e humilde, sem ser escrava.

Não cultives desgostos.

Sê fiel à esperança.

Não fites ingratidões, nem coleções queixumes.

A missão divina da maternidade apoia-se na força onipotente do amor.

Envolve teu filho na palavra de bênção, que vence o orgulho, e na luz do exemplo que dissipa as sombras da rebeldia.

Faze que se lhe desenvolvam os sentimentos bons do coração, que o musgo dos séculos recobriu e ocultou.

- Não te faças borboleta do sonho, quando a vida te pede vigílias de guardiã.

No rio da existência humana, os espíritos são as gotas d'água que se transformam em lâminas de arremêso contra as pedras dos obstáculos, talhando caminhos novos.

O Espiritismo gera consciências livres. Prova a teu filho semelhante verdade pelas próprias ações de renúncia e discernimento, conjugando o bálsamo do carinho com a rédea da autoridade.

Não queiras transformá-lo, à força, em escolhido, dentre aqueles chamados pelo Senhor.

Filhos do Eterno, todos somos cidadãos da Eternidade e sômente elevamos a nós mesmos, a golpes

de esforço e trabalho, na hierarquia das reencarnações.

Assim, pois, embora muita vez torturada na abnegação incompreendida, mostra a teu filho que a Lei Divina é insubornável e que todo espírito é responsável por si próprio.

Anália Franco

Mães



coração das mães não descansa, além da morte. Impossível que o túmulo nos roubasse o tesouro dos afetos.

Seguimos, de perto, as preocupações e trabalhos de todos aqueles que respiram no círculo de nosso amor.

Aquele carinho e aquela santificada alegria que nos uniram uns aos outros, na Terra, permanecem cada vez mais vivos, dentro de nossa alma.

A ventura maternal está representada na posse do amor dos filhos, que constituem a sua razão de ser.

O jardim do lar é o tabernáculo divino, onde o homem pode e deve manifestar os mais nobres valores que recebe da Providência Divina.

Sem a renúncia materna, a família quase sempre é um turbilhão de sofrimentos e necessidades indefiníveis e sem fim.

As mães nunca morrem. Não acreditem que os desencarnados estejam fora das alfinetadas que o mundo impõe às almas.

Sofremos também, com intensidade terrível, de vez que já não dispomos da carne que nos serve de anteparo às grandes comoções.

Enquanto a vida nos retém no corpo físico, mór-

mente nós, as mães, anelamos para os nossos rebentos as melhores posições materiais, entretanto, cedo a morte nos ensina que a luz não brilha na ilusão.

Quando nossos filhos, na Terra, se fazem gente grande e livre, permanecemos mais a sós conosco, vivendo as reminiscências e esperanças. Nossa alma, de volta ao passado, surpreende sempre, na senda percorrida, os quadros que desejaríamos conservar inalterados.

Aqui é um trecho da terra a falar mais particularmente ao coração, ali é uma voz de criança que ainda ressoa, nítida e cristalina, aos nossos ouvidos.

Entretanto, é imprescindível tudo deixar, a fim, de atingir a praia distante da purificação.

Nós, as mães muitas vezes, somos como a hera, agarrada às paredes da vida.

O amor compele-nos à imantação com numerosas almas que, no fundo, precisam caminhar por si mesmas.

Quantas de nós são obrigadas a sofrer, anos e anos, além da morte física, no santo aprendizado do esquecimento?

Acompanhamos nossos filhinhos como a sombra segue o corpo, contudo, não conseguimos atingir o nosso ideal de senti-los em plena harmonia conosco, porque realmente cada alma evolui no plano que lhe é próprio.

Somos peregrinas, batendo à porta de variados corações, dêles esmolando a alegria da compreensão e do auxílio.

As vezes, choramos em lhes observando a juvenilidade espiritual, mas, na qualidade de mães, confiamos e esperamos.

Quando a fonte se nega a irrigar a terra pobre, a breve tempo, reconhecemos o deserto diante de nós.

Se abandonamos a planta menos protegida à

visita dos vermes, a devastação das folhas e das raízes não se fará esperar.

Ainda que as lágrimas sejam o nosso pão de cada dia, não podemos alterar nosso velho roteiro. Avancemos, pois, mesmo assim.

Maria Augusta Bittencourt

Coração de Mãe

DOLOROSA e comovedora é a carta dessa mulher maranhense que me chegou às mãos trazidas sob as asas de um avião trepidante e ruído.

Mãe desesperada, apela para os sentimentos de paternidade que não me abandonaram no túmulo e grita aflitivamente, como se as suas lêtras tremidas fôsssem vestígios arroxeados do sangue do seu coração.

“Eu peço a Humberto de Campos que, mesmo do Além, salve o meu filho! Ele que não se esqueceu dos que deixou na Terra, não pode negar uma esmola à minha alma de mãe extremosa!...”

E eu me lembro comovido dos apelos que me eram dirigidos pelos sofredores, nos derradeiros tempos da minha vida, enquanto eu naufragava devagarinho no veleiro da Dor entre as águas pesadas do oceano da morte.

Eu daria tudo para enviar a essa mulher sofredora da Terra que foi minha, a certeza de que o seu filho é uma criatura predileta dos deuses. Tudo faria para poder imitar aquelas mãos ternas e misericordiosas que descansam sobre a fronte abatida do órfão da viúva de Naím, ressuscitando para um coração maravilhoso de mãe as energias do filho que padece sob as provações mais penosas.

A morte porém nos afasta do nosso caminho a visão estranha da fatalidade e do destino. Há um determinismo no cenário das nossas existências criado por nós mesmos.

O mal com o seu cortêjo de horrores não está dentro dessa corrente impetuosa e irrefreável, mas todos os seus elos são formados pelos sofrimentos.

Os homens de barro têm de batalhar a vida inteira repelindo o Crime e o Pecado, mas inevitavelmente andarão atolados no pantanal da Dor e da Morte.

O que mais me pungia depois de haver perquirido as lições dos sábios dali, era a inutilidade dos seus argumentos ante as determinações irrevogáveis do Destino. Após haver atravessado as estradas da ignorância despreziosa, no limiar do imenso palácio das experiências alheias, presumia encontrar a solução dos enigmas que confundem o cérebro humano. Mas em tôdas achei o mesmo tormento, as mesmas ansiedades angustiosas.

Frente a frente do pulso inflexível da morte, tôda a ciência do mundo é de uma insignificância irremediável.

Neste particular, todo o portentoso monumento da filosofia de Pitágoras não valia mais que as extravagantes teorias doutrinárias propaladas no mundo.

Todos quantos laboram em favor do homem da Terra, esbarram nos muros indevassáveis da Sombra. O Cristo foi o único que espalhou na masmorra da carne uma claridade suave porque não se dirigiu à criatura terrena, mas à criatura espiritual.

Assombrou-me o espetáculo pavoroso do mundo, onde as leis liberalíssimas para a aristocracia do ouro e severas em face dos infortunados que palmilham o caminho espinhoso com os pés descalços e feridos, refletem o caráter humano com os seus defeitos incorrigíveis.

E despertando de longos pesadelos na porta de sombras da sepultura, a minha primeira inquietação com respeito aos problemas que me atormentavam foi uma pergunta dolorosa acerca dos contrastes amargos do mundo. Ainda aqui, porém, os gênios carinhosos da Sabedoria abençoam e sorriem aos que os interpelem, porque a decifração dos enigmas das nossas existências está em nós próprios. Apesar do destino inflexível, há uma força em nós que dêle independe como origem de todas as nossas ações e pensamentos. Somos obreiros da trama caprichosa das nossas próprias existências.

As mãos que hoje cortam as felicidades alheias, amanhã se recolherão como galhos ressequidos nas frondes verdes da vida.

As iniquidades dum Heródes podem desaparecer sob o manto de renúncias de um Vicente de Paulo; o sensualismo de Madalena expurgado nos prantos amargos da expiação e do arrependimento. Quando pudermos ver o passado em todo o seu desdobramento, depois de contemplarmos a Messalina na sua noite de regalados prazeres, vê-la-emos de novo, arrastando-se nas margens do Tibre, enfiada num vestido horripilante de negras monstruosidades.

Faltou-me na vida terrena semelhante compreensão para entender a verdade.

Que essa pobre mãe maranhense considere êsses realismos que nos edificam e nos salvam.

E como um anjo de dor, à cabeceira de seu filho, eleve o seu apêlo ao coração augusto daquele que remove as montanhas com o sopro suave do seu amor. Sua oração subirá ao Infinito como um cálice de perfume, derramado ao clarão das estrêlas que enfeitam o trono invisível do Altíssimo e, certamente, os anjos da Piedade e da Doçura levarão a sua prece como cândida oferta da sua alma sofredora à mag-

nanimidade daquela que foi a rosa mística de Nazaré. Então, nesse momento, talvez que o coração angustiado da mãe que chora na Terra se ilumine a uma claridade estranha e misericordiosa.

Seu lar desditoso e humilde será por instantes um altar dessa luz invisível para os olhos mortais. Duas mãos de névoa translúcida pousarão como aguçenas sobre sua alma oprimida e uma voz carinhosa e embaladora murmurará aos seus ouvidos:

— “Sim! minha filha... eu ouvi a tua prece e vim suavizar o teu martírio, porque também tive um filho que morreu ignominiosamente na cruz.”

Humberto de Campos

(Espírito)

Elementos éticos e normativos

*Mãe que lutas, cada hora,
Da imensa dor que te arrasta,
A Terra tudo ignora,
Mas Deus sabe e é quanto basta.*

Rita Barém de Melo

O Evangelho e a mulher

"Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo". Paulo. Efésios, 5:28.

MUITA vez, o apóstolo dos gentios tem sido acusado de excessiva severidade para com o elemento feminino. Em alguns trechos das cartas que dirigiu às igrejas, Paulo propõe medidas austeras que, de certo modo, chocaram inúmeros aprendizes. Poucos discípulos repararam, na energia das palavras dêle, a mobilização dos recursos do Cristo, para que se fortalecesse a defesa da mulher e dos patrimônios de elevação que lhe dizem respeito.

Com Jesus, começou o legítimo feminismo. Não aquêle que enche as mãos de suas expositoras com estandartes coloridos das ideologias políticas do mundo, mas que lhes traça nos corações diretrizes superiores e santificantes.

Nos ambientes mais rigorosistas em matéria de fé religiosa, quais o do Judaísmo, antes do Mestre, a

mulher não passava de mercadoria condenada ao cativeiro. Vultos eminentes, quais David e Salomão, não conseguiram fugir aos abusos de sua época, nesse particular.

O Evangelho, porém, inaugura nova era para as esperanças femininas. Nêle vemos a consagração da Mãe Santíssima, a sublime conversão de Madalena, a dedicação das irmãs de Lázaro, o espírito abnegado das senhoras de Jerusalém que acompanham o Senhor até o instante extremo. Desde Jesus, observamos crescente respeito na Terra pela missão feminina. Paulo de Tarso foi o consolidador desse movimento regenerativo. Apesar da energia áspera que lhe assinala as palavras, procurava levantar a mulher da condição de aviltada, confiando-a ao homem, na qualidade de mãe, irmã, espôsa ou filha, associada aos destinos, e, como criatura de Deus, igual a êle.

Emmanuel

Palavras de Mãe

*"Sua mãe disse aos serventes:
Fazei tudo quanto êle vos disser" João, 2:5*



Evangelho é roteiro iluminado do qual Jesus é o centro divino. Nessa Carta de Redenção, rodeando-lhe a figura celeste, existem palavras, lembranças, dádivas e indicações muito amadas dos que lhe foram legítimos colaboradores no mundo.

Recebemos aí recordações amigas de Paulo, de João, de Pedro, de companheiros outros do Senhor, e que não poderemos esquecer.

Temos igualmente, no Documento Sagrado, reminiscências de Maria. Examinemos suas preciosas palavras em Caná, cheias de sabedoria e amor materno.

Geralmente, quando os filhos procuram a carinhosa intervenção de mãe é que se sentem órfãos de ânimo ou necessitados de alegria. Por isso mesmo, em todos os lugares do mundo, é comum observarmos filhos discutindo com os pais e chorando ante corações maternos.

Interpretada com justiça por anjo tutelar do Cristianismo, às vêzes é com imensas aflições que recorreremos a Maria.

Em verdade, o versículo do apóstolo João não se refere a paisagens dolorosas. O episódio ocorre numa festa de bodas, mas podemos aproveitar-lhe a sublime expressão simbólica.

Também nós estamos na festa de noivado do Evangelho com a Terra. Apesar dos quase vinte séculos decorridos, o júbilo ainda é de noivado, porquanto não se verificou até agora a perfeita união... Nesse grande concêrto da idéia renovadora, somos serventes humildes. Em muitas ocasiões, esgota-se o vinho da esperança. Sentimo-nos extenuados e desiludidos... Imploramos ternura maternal e eis que Maria nos responde: *Fazei tudo quanto Ele vos disser*.

O conselho é sábio e profundo e foi colocado no princípio dos trabalhos de salvação.

Escutando semelhante advertência de Mãe, meditemos se realmente estaremos fazendo tudo quanto o Mestre nos disse.

Emmânuel

Para a mulher

NA dolorosa situação dos vossos tempos, observamos a mulher, de modo geral, indiferente aos seus grandes deveres. As ilusões políticas, a concorrência profissional, os venenos filosóficos invadiram os lares.

São poucas as companheiras fiéis que se mantêm, nos postos de serviço com Jesus, convictas da transitoriedade das posições humanas.

Quase sempre, o que se verifica, é justamente o naufrágio de luminosas esperanças, que, a princípio, pareciam incorruptíveis e vigorosas.

Semelhantes desastres são oriundos do esquecimento de que a nossa linha de frente, na batalha humana, é o lar, com tôdas as suas obrigações sacrificiais, compelindo as mães, as espôsas, filhas e irmãs aos atos supremos da renúnciação.

Nosso Mestre é Jesus. Nosso trabalho é a edificação para a vida eterna. É imprescindível não olvidar que os homens obedecerão, em tôdas as suas tarefas, ao imperativo do sentimento. Sem êsse requisito, são muito raros os que triunfam. É necessário converter o nosso potencial de fé em fonte de auxílio.

Nada conseguiremos no terreno das competições

mesquinhas, mas sim na esfera da bondade e da cooperação espiritual.

Busquemos compreender, cada vez mais, o caráter transcendente de nossas obrigações. Quando nos referimos ao dever doméstico, claro que não aludimos à subserviência ou à escravidão. Referimo-nos à dignidade feminina com o Cristo, para que todas nos tornemos devotadas cooperadoras de nossos irmãos. O mau feminismo é aquele que promete conquistas mentirosas, perdido em pregações brilhantes para esbarrar, mais tarde, em realidades dolorosas. Reconhecemos, porém, que o feminismo, esse que integra a mulher no conhecimento próprio, é o movimento de Jesus, em favor do lar, para o lar e dentro do lar.

Felizes sois, portanto, pela santidade de vosso ministério.

Unamos as mãos no trabalho redentor. Seja nossa casa o grande abrigo dos corações, onde todos temos uma tarefa sagrada a cumprir. Deus não-lhe concedeu, atendendo-nos às aspirações mais elevadas e às súplicas mais sinceras. Cada obstáculo seja um motivo novo de vitória e cada pequena dor seja para nós uma jóia do escrínio da eternidade.

Deixai que a tormenta do mundo, com suas velhas incompreensões, se atenue pelo Poder Divino. Não vos magoe os ouvidos o rumor das quedas exteriores. Continuai na casa do coração, certas de que Jesus estará conosco, sempre que lhe soubermos preferir a companhia sacrossanta.

Eugênia Braga

Casamento

ASAMENTO, na Terra, é uma instituição educativa, em cuja intimidade nem sempre o amor é a árvore feita, que se delinêia, rósea e brilhante, nos sonhos indefiníveis e sublimes do noivado comum.

Casar-se é associar-se. E associar-se com alguém ou com alguma coisa é aprender e experimentar.

Quem se une a interesses materiais, cedo encontra o tédio e o desânimo de quem escolhe um caminho árido para jornadaear.

Quem adere a encantos transitórios do corpo, atinge apressadamente a casa escura da desilusão, onde todos os ensinamentos são difíceis e amargos.

Quem disputa conveniências passageiras, é defrontado sem demora, por dolorosos problemas, nos quais o temor, o cansaço e desalento obscurecem a capacidade de raciocinar com acerto.

Quem busca prazeres fáceis penetra, em poucos dias, no vale triste da ociosidade e do desengano, perdendo, muitas vezes, o entusiasmo de fazer, imaginar e trabalhar.

Só o amor ilumina o edifício do casamento humano, multiplicando os recursos de estímulo e con-

córdia, união e carinho naqueles que se entrelaçaram para a grande marcha humana.

E, nesse sentido, o matrimônio das almas, acima de todos os laços corporais ou convencionais, permanece imperecível, porque é da aliança dos espíritos devotados ao bem, encarnados ou não, consorciados ou não, segundo as leis da experiência física, que nascem as grandes obras redentoras da Humanidade.

Fixai as realizações sublimes do mundo, sob qualquer aspecto, e, em seus alicerces, encontrareis a comunhão das almas, que se imantaram reciprocamente, no cadinho do ideal e da amizade.

Se a experiência do lar, porém, não é a vossa, não vos sintais diminuídos por esse motivo.

Lembremo-nos de que Jesus não esteve nos elos conjugais do mundo, mas, por isso, não deixou de ser o Sol da Verdade e do Amor para todos os séculos da Terra.

Consortiemo-nos, pois, uns com os outros, em espírito, e saibamos produzir, sob a inspiração do Senhor, as obras regenerativas e santificantes que a vida na Terra está esperando de nossos corações e de nossas mãos.

Emmanuel

Vida conjugal

“Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o seu marido”. Paulo, Efésios, 5:33



As tragédias da vida conjugal costumam povoar a senda comum. Explicando o desequilíbrio, invoca-se a incompatibilidade dos temperamentos os desencantos da vida íntima ou as excessivas aflições domésticas.

O marido disputa companhias novas ou entretenimentos prejudiciais, ao passo que, em muitos casos, abre-se a mente feminina ao império das tentações, entrando em falso rumo.

Semelhante situação, porém, será sempre estranhável nos lares formados sobre as escolas da fé, nos círculos do Cristianismo.

Os cônjuges, com o Cristo, acolhem acima de tudo, as doces exortações da fraternidade.

É possível que os sonhos, muita vez, se desfaçam ao toque de provas salvadoras, dentro dos ninhos afetivos, construídos na árvore da fantasia. Muitos homens e mulheres exigem, por tempo vasto, flôres

celestes sôbre espinhos terrenos, reclamando dos outros atitudes e diretrizes que eles são, por enquanto, incapazes de adotar, e o matrimônio se lhes converte em instituição detestável.

O cristão, contudo, não pode ignorar a transitoriedade das experiências humanas. Com Jesus, é impossível destruir os divinos fundamentos da amizade real. Busque-se o lado útil e santo da tarefa e que a esperança seja a lâmpada acesa no caminho...

Tua espôsa mantém-se em nível inferior à tua expectativa? Lembra-te de que ela é mãe de teus filhinhos e serva de tuas necessidades. Teu espôso é ignorante e cruel? Não olvides que ele é o companheiro que Deus te concedeu...

Emmanuel

Maternidade



EMOS em cada manifestação da Vida determinada meta de desenvolvimento, qual anseio do próprio Deus a concretizar-se.

Na Criação, o clímax da grandeza.

Na caridade, o vértice da virtude.

Na paz, a culminância da luta.

No êxito, a exaltação do ideal.

Nos filhos, a essência do amor.

No lar, a glória da união.

De igual modo, a maternidade é a plenitude do coração feminino que norteia o progresso.

Concepção, gravidez, parto e devoção afetiva representam estações difíceis e belas de um ministério sempre divino.

Láurea celeste na mulher de tôdas as condições, define o inderrogável recurso à existência humana, reclamando paciência e carinho, renúncia e entendimento.

Maternidade esperada.

Maternidade imprevista.

Maternidade aceita.

Maternidade hostilizada.

Maternidade desamparada.

Misto de júbilo e sofrimento, missão e prova,

maternidade, em qualquer parte, traduz intercâmbio de amor incomensurável, em que desponta, sublime e sempre novo, o ensejo de burilamento das almas na ascensão dos destinos.

Principais responsáveis por semelhante concessão de Bondade Infinita, as mães guardam as chaves de controle do mundo.

Mães de sábios...

Mães de idiotas...

Mães felizes...

Mães desditosas...

Mães jovens...

Mães experientes...

Mães enfermas...

Ao filtro do amor que lhes verte do seio, deve o Plano Terrestre o despovoamento dos círculos inferiores da Vida Espiritual, para que o Reino de Deus se erga entre as criaturas.

Mães da Terra! Mães anônimas!

Sois vasos eleitos para a luz da reencarnação!

Por maiores se façam os suplícios impostos à vossa frente, não recuseis vosso augusto dever, nem susteis o hálito do filhinho nascente — esperança do Céu a repontar-vos do peito!...

Não surge o berço de vosso coração por acaso.

Mantende-vos, assim, vigilantes e abnegadas, na certeza de que se muitas vêzes cipoais e espinheiros são vossa herança transitória entre os homens, todas vós sereis amparadas e sustentadas pela Bênção do Amor Eterno, sempre que marchardes fiéis à Excelso Paternidade da Providência Divina.

André Luiz

Crianças

“Vêde não desprezeis alguns destes pequeninos...” — Jesus.

Mateus, 18:10



QUANDO Jesus recomendou não desprezar os pequeninos, esperava de nós não somente medidas providenciais alusivas ao pão e à vestimenta.

Não basta alimentar minúsculas bocas famintas ou agasalhar corpinhos enregelados. É imprescindível o abrigo moral que assegure ao espírito renascente o clima de trabalho necessário à própria sublimação.

Muitos pais garantem o conforto material dos filhinhos, mas lhes relegam a alma a lamentável abandono.

A vadiagem na rua fabrica delinquentes que acabam situados no cárcere ou no hospício, mas o relaxamento espiritual no reduto doméstico gera demônios sociais de perversidade e loucura que em muitas ocasiões, amparados pelo dinheiro ou pelos postos de evidência, atravessam largas faixas do século espalhando miséria e sofrimento, sombra e ruína, com deplorável impunidade, à frente da justiça terrestre.

Não desprezes, pois a criança, entregando-a aos impulsos da natureza animalizada.

Recorda que todos nos achamos em processo de educação e reeducação, diante do Divino Mestre.

O prato da refeição é importante no desenvolvimento da criatura, todavia, não podemos esquecer "que nem só de pão vive o homem".

Lembremo-nos da nutrição espiritual dos meninos, através de nossas atitudes e exemplos, avisos e correções, em tempo oportuno, de vez que desamparar moralmente a criança, nas tarefas de hoje, será condená-la ao menosprêzo de si mesma, nos serviços de que se responsabilizará amanhã.

Emmanuel

Credores no lar

"Honrai vosso pai e vossa mãe..." — Jesus — Mateus, 19:19. "Honrar a seu pai e sua mãe não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco na infância" —

Cap. XIV,3.

 O devotamento dos pais, todos os filhos são jóias de luz, entretanto, para que compreendas certos antagonismos que te afligem no lar, é preciso saibas que, entre os filhos-companheiros que te apoiam a alma, surgem os filhos-credores, alcançando-te a vida, por instrutores de feição diferente.

Subtraindo-te aos choques de caráter negativo, no reencontro, preceitua a eterna bondade da Justiça Divina que a reencarnação funcione, reconduzindo-os à tua presença, através do berço. É por isso que, a princípio, não ombreiam contigo, em casa, co-

mo de igual para igual, porquanto reaparecem humildes e pequeninos.

Chegam frágeis e emudecidos, para que lhes ensines a palavra de apaziguamento e brandura.

Não te rogam a liquidação de débitos, na intimidade do gabinete, e sim procuram-te o colo para nova faze de entendimento.

Respiram-te o hálito e escoram-se em tuas mãos, instalando-se em teus passos, para a transfiguração do próprio destino.

Embora desarmados, controlam-te os sentimentos.

Não obstante dependerem de ti, alteram-te as decisões com simples olhar.

De doces nubes do carinho, passam, com o tempo, a condição de examinadores constantes de tua estrada.

Governam-te impulsos, fiscalizam-te os gestos, observam-te as companhias e exigem-te as horas.

Reaprendem na escola do mundo com o teu amparo todavia, à medida que se desenvolvem no conhecimento superior, transformam-se em inspetores intransigentes do teu grau de instrução.

Muitas vêzes choras e sofres, tentando adivinhar-lhes os pensamentos para que te percebam os testemunhos de amor.

Calas os próprios sonhos, para que os sonhos dêles se realizem.

Apagas-te, a pouco e pouco, para que fuljam em teu lugar.

Recebes tôdas as dores que te impõem à alma, com sorrisos nos lábios, conquanto te amarfanhem o coração.

E nunca possuis o bastante para abrilhantar-lhes a existência, de vez que tudo lhes dás de ti

mesmo, sem faturas de serviço e sem notas de pagamento.

Quando te vejas, diante de filhos crescidos e lúcidos, erguidos à condição de dolorosos problemas do espírito, recorda que são êles credores do passado a te pedirem o resgate de velhas contas.

Busca auxiliá-los e sustentá-los com abnegação e ternura, ainda que isso te custe todos os sacrifícios, porque, no justo instante que a consciência te afirme tudo haveres efetuado para enriquecê-los de educação e trabalho, dignidade e alegria, terás conquistado em silêncio, o luminoso certificado de tua própria libertação.

Emmanuel

Abôto delituoso

 OMOVEMO-NOS habitualmente, diante das grandes tragédias que agitam a opinião.

Homicídios que convulsionam a imprensa e mobilizam largas equipes policiais...

Furtos espetaculares que inspiram vastas medidas de vigilância...

Assassínios, conflitos, ludíbrios e assaltos de todo jaez criam a guerra de nervos, em tôda a parte; e, para coibir semelhantes fecundações de ignorância e delinqüência, erguem-se cárceres e fundem-se algemas, organiza-se o trabalho forçado e em algumas nações a própria lapidação de infelizes é praticada na rua, sem qualquer laivo de compaixão.

Todavia, um crime existe mais doloroso, pela volúpia de crueldade com que é praticado, no silêncio do santuário doméstico ou no regaço da Natureza...

Crime estarrecedor, porque a vítima não tem voz para suplicar piedade e nem braços robustos com que se confie aos movimentos da reação.

Referimo-nos ao abôto delituoso, em que pais inconscientes determinam a morte dos próprios filhos, asfixiando-lhes a existência, antes que possam sorrir para a bênção da luz.

.....

Homens da Terra, e sobretudo vós, corações maternos chamados à exaltação do amor e da vida, abstende-vos de semelhante ação que vos desequilibra a alma e entenebrece o caminho!

Fugi do satânico propósito de sufocar os rebentos do próprio seio, porque os anjos tenros que rechaçais são mensageiros da Providência, assomantes no lar em vosso próprio socorro, e, se não há legislação humana que vos assinale a torpitude do infanticídio, nos recintos familiares ou na sombra da noite, os olhos divinos de Nosso Pai vos contemplam do Céu, chamando-vos, em silêncio, às provas do reajuste, a fim de que se vos expurgue da consciência a falta indesculpável que perpetrastes.

Emmânuel

Sexo e amor

IGNORAR o sexo em nossa edificação espiritual seria ignorar-nos. Urge, no entanto, situá-lo a serviço do amor, sem que o amor se lhe subordine.

Imaginemô-los ambos, na esfera da personalidade, como o rio e o dique na largueza da terra.

O rio fecunda.

O dique controla.

O rio espalha forças.

O dique policia-lhes a expansão.

No rio, encontramos a Natureza.

No dique, surpreendemos a disciplina.

Se a corrente ameaça a estabilidade de construções dignas, comparece o dique para canalizá-la proveitosamente, noutro nível. Contudo, se a corrente supera o dique, aparece a destruição, toda vez que a massa líquida se dilate em volume.

Igualmente, o sexo é a energia criativa, mas o amor necessita estar junto dele a funcionar por leme seguro.

Se a simpatia sexual prenuncia a dissolução de obras morais respeitáveis, é imprescindível que o amor lhe norteie os recursos para manifestações mais altas, porquanto, sempre que a atracção genési-

ca é mais poderosa que o amor, surgem as crises de longo curso, retardando o progresso e o aperfeiçoamento da alma, quando não lhe embargam os passos na loucura ou na frustração, na enfermidade ou no crime.

Tanto quanto o dique precisa erguer-se em defensiva constante, no governo das águas, deve guardar-se o amor em permanente vigilância, na frenação do impulso emotivo.

Fiscaliza, assim, teus próprios desejos.

Todo pensamento acalentado tende a expressar-se em ação.

Quase sempre, os que chegam ao além-túmulo, sexualmente depravados, depois de longas perturbações, renascem no mundo, tolerando moléstias insidiosas, quando não se corporificam em desesperadora condição inversiva, amargando pesadas provas como consequência dos excessos delituosos a que se renderam.

À maneira de doentes difíceis, no leito de contenção, padecem inibições obscuras ou envergam sinais morfológicos em desacôrdo com as tendências masculinas ou femininas em que ainda estagiam, no elevado tentame de obstar a própria queda em novos desmandos sentimentais.

Ama, pois, e ama sempre, porque o amor é a essência da própria vida, mas não cogites de ser amado. Ama por filhos do coração aqueles de quem, por enquanto, não podes partilhar a convivência mais íntima, aprendendo o puro amor fraterno que Jesus nos legou.

Mas, se a inquietação sexual te vergasta as horas, não te decidas a aceitar o conselho da irresponsabilidade que te inclina a partir levemente "ao encontro de um homem" ou ao "encontro de uma mulher", muitas vezes em perigoso agravo de teus problemas.

Antes de tudo, procura Deus, na oração, segundo a fé que cultivas, e Deus que criou o sexo em nós para engrandecimento da criação, na carne e no espírito, ensinar-nos-á como dirigi-lo..

Emmânuel

Sexo

 sexo, no templo da vida, é um dos altares em que a divina luz do amor se manifesta. A êle devemos, no mundo, a bênção do lar, a ternura das mães, os laços da consangüinidade, a coroa dos filhos, o prêmio da reencarnação, o retorno à lide santificante...

Através dêle, a esperança ressurgue em nossa alma e o trabalho se renova para nosso espírito, na esteira dos séculos para que o tempo nos reajuste, em nome do Eterno Pai...

Fonte de água pura — não lhe viciemos o manancial.

Campo da renovação — respeitemô-lo.

Escada para o serviço edificante, usada na consagração do equilíbrio, conduzir-nos-á ao monte resplandecente da sublimação espiritual — não o convertamos, pois, em corredor descendente para o abismo.

Dos abusos do sacrário em que o Senhor situou o Ofício Divino da gênese das formas, resultam para a Terra aflitivas paisagens de amargura e desencanto, desarmonia e pavor.

Rendamos culto a Deus, na veneração do jardim em que a nossa existência se refaz.

Se o amor nos pede sacrifício, saibamos renunciar construtivamente, transformando-nos em servidores fiéis do Supremo Bem. Se a obra do aperfeiçoamento moral nos impõe o jejum da alma, espere-mos no futuro a felicidade legítima que brilhará, por fim, em nossas mãos.

A Lei segue-nos, passo a passo.

Não nos esqueçamos.

Em qualquer circunstância, recordemos que o sexo é um altar criado pelo Senhor no templo imenso da vida.

Santificá-lo é santificar-se.

Conspurcá-lo será perdermo-nos no espaço e no tempo, descendo a escuros precipícios da morte, dos quais somente nos reergueremos pelos braços espinhosos da dor.

Emmanuel

O culto cristão no lar

POVOARA-SE o firmamento de estrêlas, dentro da noite prateada de luar, quando o Senhor, instalado provisoriamente em casa de Pedro, tomou os Sagrados Escritos e, como se quisesse imprimir novo rumo à conversação que se fizera improdutiva e menos edificante, falou com bondade:

— Simão, que faz o pescador quando se dirige para o mercado com os frutos de cada dia?

O apóstolo pensou alguns momentos e respondeu, hesitante:

— Mestre, naturalmente escolhemos os peixes melhores. Ninguém compra os resíduos da pesca.

Jesus sorriu e perguntou, de novo:

— E o oleiro? que faz para atender à tarefa a que se propõe?

— Certamente, Senhor — redarguiu o pescador, intrigado —, modela o barro, imprimindo-lhe a forma que deseja.

O Amigo Celeste, de olhar compassivo e fulgurante, insistiu:

— E como procede o carpinteiro para alcançar o trabalho que pretende?

O interlocutor, muito simples, informou sem vacilar:

— Lavrará a madeira, usará a enxó e o serrote, o martelo e o formão. De outro modo, não aperfeiçoará a peça bruta.

Calou-se Jesus, por alguns instantes, e aduziu:

— Assim, também, é o lar diante do mundo.

O berço doméstico é a primeira escola e o primeiro templo da alma. A casa do homem é a legítima exportadora de caracteres para a vida comum. Se o negociante seleciona a mercadoria, se o marceneiro não consegue fazer um barco sem afeiçoar a madeira aos seus propósitos, como esperar uma comunidade segura e tranqüila sem que o lar se aperfeiçoe? A paz do mundo começa sob as telhas a que nos acolhemos. Se não aprendemos a viver em paz, entre quatro paredes, como aguardar a harmonia das nações? Se não nos habituamos a amar o irmão mais próximo, associando-o à nossa luta de cada dia, como respeitar o Eterno Pai que nos parece distante?

Jesus relanceou o olhar pela sala modesta, fêz pequeno intervalo e continuou:

— Pedro, acendamos aqui, em tórno de quantos nos procuram a assistência fraterna, uma claridade nova. A mesa de tua casa é o lar de teu pão. Nela, recebes do Senhor o alimento para cada dia. Por que não instalar, ao redor dela, a sementeira da felicidade e da paz na conversação e no pensamento? O Pai, que nos dá o trigo para o celeiro, através do solo, envia-nos a luz através do Céu. Se a claridade é a expansão dos raios que a constituem, a fartura começa no grão. Em razão disso, o Evangelho não foi iniciado sobre a multidão, mas, sim, no singelo domicílio dos pastores e dos animais.

Simão Pedro fitou no Mestre os olhos humildes e lúcidos e, como não encontrasse palavras adequadas para explicar-se, murmurou, tímido:

— Mestre, seja feito como desejas.

Então Jesus, convidando os familiares do após-

tolo à palestra edificante e à meditação elevada, desenrolou os escritos da sabedoria e abriu, na Terra, o primeiro culto cristão do lar.

Néio Lúcio

Jesus em casa

 culto do Mestre, em casa,
É nôvo sol que irradia
A música da alegria
Em santa e bela canção.
É a glória de Deus que vasa
O dom da Graça Divina,
Que regenera e ilumina
O templo do coração

Ouvida a bênção da prece,
Na sala doce e tranqüila,
A lição do bem cintila
Como um poema a brilhar.
O verbo humano enaltece
A caridade e a esperança
Tudo é bendita mudança
No plano familiar.

Anula-se a malquerença,
A frase é contente e boa.
Quem guarda ofensas, perdoa,
Quem sofre, agradece à cruz.
A maldade escuta e pensa
E o vício da rebeldia
Perde a máscara sombria...
Tôda névoa faz-se luz!

Na casa fortalecida
Por semelhante alimento,
Tudo vibra entendimento
Sublime e renovador.
O dever governa a vida,
Vozes brandas falam calmas...
É Jesus chamando as almas
Ao Reino do Eterno Amor!

Irene S. Pinto

ÍNDICE

	Página
PREFÁCIOS ESPIRITUAIS	11
Mãe	12
Perto de Deus	14
EM LOUVOR À MÃE	17
Trovas de Mãe	18
Rainha do Lar	20
Trovas de Mulher	22
Cantigas para a Mulher	23
Mater	24
Meu Tesouro	25
Em louvor das Mães	26
Soneto V	28
No apostolado feminino	29
A MÃE EM PRECE	32
Oração de Mãe	33
Prece á Mãe Santíssima	35
Oração das Mães	37
Súplica á Mãe Santíssima	39
CONFIDÊNCIAS MATERNAIS	40
Poema de Mãe	41
Sementeira	43
Mensagem maternal	45
Meu filho	46
Conselho materno	48
Missiva	50
Os óculos	51
Conversa maternal	53
A cruz	54
Angústia Materna	55

CONFIDÊNCIAS FILIAIS	56
Oração no lar	57
Poema de gratidão	59
Mãe, Deus te abençoe!	60
Prece dos filhos	62
Ternura	64
Súplica do filho	66
Para você, Mãezinha	67
Sempre amor	68
Encontro no Lar	69
Minha Mãe	71
Versos à minha Mãe	73
Ternura Maternal	74
Mãe	76
Mensagem dos filhos	78
O Bêrço	80
DEVOÇÃO	81
A Terra	82
Por amor à criança	83
Celina	85
Mãe	87
CORREIO MATERNAL	89
Lembrando Maria, nossa Mãe	90
Carinho e reconhecimento	92
No correio do coração	95
Bilhete maternal	98
Em plena renovação	100
Do Coração Materno	103
Página do carinho filial	105
Páginas de saudade e ternura	107
Doce bilhete	109
Carta à minha Mãe	112
AVIVAMENTO MORAL	117
Oração à Mulher	118
Mãe, fita o céu	120
Essas outras crianças	121
Lei de amor	124
Sabes disso	125
Cólera e nós	127
Cartas às Mães	129
Carta aos cônjuges	132
No Lar	135

Coração maternal	137
Teu filho	139
Crianças doentes	141
As filhas da terra	143
CONSCIÊNCIA E CONSEQUÊNCIA	144
Provação materna	145
Santa maternidade	146
Solugo maternal	147
Saudade vazia	148
O genro-neto	149
Maria Boneca	151
Seara de ódio	152
Confidências de Mãe	155
Mãe sôzinha	156
Em casa	158
QUESTÕES FAMILIARES	160
Experiências Pessoais	161
Tarefas de amor	163
Reflexões de Mãe	165
Mãe, reanima-te!	167
Vigília maternal	170
Mães	173
Coração de Mãe	176
ELEMENTOS ÉTICOS E NORMATIVOS	180
O Evangelho e a mulher	181
Palavras de Mãe	183
Para a mulher	185
Casamento	187
Vida conjugal	189
Maternidade	191
Crianças	193
Credores no lar	195
Abôrto delituoso	198
Sexo e amor	200
Sexo	203
O culto cristão no lar	205
Jesus em casa	208
ÍNDICE	211
BIBLIOGRAFIA	215

Bibliografia

- Cartas do Coração — *Casimiro Cunha*.
O Espírito de Cornélio Pires — *Cornélio Pires*.
Caminho Verdade e Vida — *Emmanuel*.
Pão Nosso — *Emmanuel*.
Vinha de Luz — *Emmanuel*.
Fonte Viva — *Emmanuel*.
Religião dos Espíritos — *Emmanuel*.
Justiça Divina — *Emmanuel*.
Livro da Esperança — *Emmanuel*.
Encontro Marcado — *Emmanuel*.
Volta Bocage — *Manuel Maria de Barbosa du Bocage*.
Novas Mensagens — *Humberto de Campos*.
Parnaso de Além Túmulo — *Diversos*.
Coletânea do Além — *Diversos*.
Cartas do Coração — *Diversos*.
Vozes do Grande Além — *Diversos*.
O Espírito da Verdade — *Diversos*.
Relicário de Luz — *Diversos*.
Antologia dos Imortais — *Diversos*.
Trovadores do Além — *Diversos*.
Poetas Redivivos — *Diversos*.

Bibliography

1. The first part of the book is devoted to a general survey of the history of the subject. It begins with a discussion of the early attempts to explain the origin of life, and then proceeds to a more detailed examination of the various theories which have been advanced. The author then discusses the progress of the science of biology, and the various branches which have been developed. He then discusses the various methods which have been used to study the history of life, and the various results which have been obtained. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history of life.

2. The second part of the book is devoted to a detailed examination of the various theories which have been advanced to explain the origin of life. The author discusses the various arguments which have been used to support each theory, and then compares them with the results of the various experiments which have been conducted. He then discusses the various objections which have been raised against each theory, and then attempts to show which theory is the most probable. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history of life.

3. The third part of the book is devoted to a detailed examination of the various methods which have been used to study the history of life. The author discusses the various advantages and disadvantages of each method, and then compares them with the results of the various experiments which have been conducted. He then discusses the various objections which have been raised against each method, and then attempts to show which method is the most probable. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history of life.

4. The fourth part of the book is devoted to a detailed examination of the various results which have been obtained from the various experiments which have been conducted. The author discusses the various advantages and disadvantages of each result, and then compares them with the results of the various experiments which have been conducted. He then discusses the various objections which have been raised against each result, and then attempts to show which result is the most probable. The book is written in a clear and concise style, and is well illustrated with numerous figures and tables. It is a valuable work for all those who are interested in the history of life.



Porque, ser mãe,
minha irmã, É ser prazer
sôbre as dores
É ser luz, embora a estrada
Tenha sombras e
amargores.

Casimiro Cunha



Lançamentos oportunos Culturais - Doutrinários